

Departamento de Sociologia

Transformação do papel do homem na vida familiar e na paternidade

Inês Sofia Lopes Branco

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção de grau de Mestre em Sociologia.

Orientadora:

Doutora Maria das Dores Guerreiro, Professora Associada,
ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Co-orientadora:

Doutora Sónia Pintassilgo, Professora Auxiliar,
ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2018

AGRADECIMENTOS

Quero expressar o meu profundo e sincero agradecimento a todas as pessoas que direta ou indiretamente foram fundamentais para a realização deste estudo de dissertação.

À orientadora Professora Maria das Dores Guerreiro e à co-orientadora Professora Sónia Pintassilgo, pelo estímulo e sabedoria científica, empenho e dedicação, incentivo e reflexão cuidada, durante todo este trabalho contínuo.

Ao professor José Luís Casanova, por todo o apoio e informação útil dada nas aulas complementares à disciplina Dissertação em Sociologia.

A todos os entrevistados que se disponibilizaram para fazer parte da realização deste estudo sociológico, que muito refletiram e se dedicaram em responder às questões propostas de uma forma cuidada e completa.

À minha família e a todos os meus amigos que me apoiaram e acreditaram em mim com o maior orgulho, amor e dedicação, nesta etapa de final de Mestrado em Sociologia.

À Inês, agradeço com toda a doçura pelo apoio e ajuda prestada para a realização da dissertação.

Finalmente, a todos vós que se cruzaram comigo neste percurso e me ensinaram com todos os vossos conhecimentos, com as vossas histórias, pensares e opiniões e a multiplicidade de vivências e formas de compreendê-las, o meu muito obrigado.

Inês Sofia Lopes Branco

RESUMO

A instituição familiar tem vindo a sofrer transformações a vários níveis nas suas diferentes dimensões e essas alterações são objeto de estudo para a Sociologia. Este estudo pretende dar o seu contributo procurando compreender normas, representações e práticas da paternidade, considerando as perceções da paternidade; as expectativas sobre a mesma; as práticas quotidianas; o tempo dedicado à profissão; e o tempo dedicado às tarefas domésticas. Para tal, foi escolhida uma metodologia qualitativa, operacionalizada através da realização de 12 entrevistas semi-diretivas, presenciais e individuais. A análise e discussão dos resultados da pesquisa permitiu concluir que as vivências e as experiências da paternidade assumem hoje um carácter fortemente afetivo. As práticas quotidianas, por parte dos homens, vão ao encontro dessas representações parentais mais afetivas e são, também, evidentes nas novas formas de organização familiar, levando a uma nova e maior disponibilidade por parte dos homens, nas práticas quotidianas, tanto ao nível doméstico como no cuidar dos filhos.

Palavras chaves: Sociologia, Família, Mudança, Paternidade, Perceção, Expectativas, Quotidiano

ABSTRACT

The family institution has been suffering changes at different levels in its different dimensions and these changes are study object to Sociology and sociologists. The present work wants to give a contribution for that, seeking to understand the new identity of man through the new rules, representations and practices of paternity. This research is based in three goals perception of paternity, expectations about paternity, daily practices, and the time devoted to the profession, the time devoted to housework, to obtain these results. For that, it was chosen a qualitative methodology, with 12 interviews semi-directives, face-to-face and individual ones, to get more specific and detailed information about the study subjects. After the analysis and debate of the results of research, the conclusion is that the experiences of paternity are nowadays more affective, comparing with it was some years ago. The daily practices, by men, meet the more affective parental representations and they are evident in the new ways of familiar organization, with a new and bigger availability of men in daily practices, at the domestic level at home and in the childcare.

Keywords: Sociology, Family, Change, Paternity, Perception, Expectations, Everyday

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	I
RESUMO	II
ABSTRACT	IV
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I	3
ENQUADRAMENTO E CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA	3
A família e as suas transformações	3
A nova identidade do homem nas responsabilidades familiares	4
Tempo para o trabalho, tempo para a família	5
Trabalho não pago	5
Cuidados com os filhos	6
Licenças de Paternidade	7
Mudanças ao nível das infra-estruturas	8
CAPÍTULO II	10
OBJETIVOS, MODELOS DE ANÁLISE E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	10
CAPÍTULO III	12
ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	12
1- Perfil sociodemográfico e caracterização biográfica	12
2- Perceções da Paternidade	13
3- Práticas Quotidianas	20
4- Tempo dedicado à profissão	23
5- Tempo dedicado às tarefas domésticas	25
CONCLUSÃO	30
BIBLIOGRAFIA	XXXIII
ANEXOS	XXXVII
ANEXO A- GUIÃO DE ENTREVISTA	XXXVII
ANEXOS DE QUADROS	XLIV
Quadro 1- Caraterização biográfica dos entrevistados	XLV
Quadro 2- Tempo dedicado à profissão	XLVI
Quadro 3- Quadro de cuidados com os filhos	XLVIII
Quadro 4 – Quadro de tarefas domésticas	LI
ANEXO DE FIGURAS	LIV
Figura 1 – Perceção dos entrevistados nos cuidados com os filhos	LV
Figura 2 – Participação dos entrevistados nas tarefas domésticas	LVI

INTRODUÇÃO

A despeito de se verificarem grandes alterações na unidade social a que damos o nome de família, o princípio de núcleo familiar ainda permanece. É da instituição social familiar que partem os valores éticos, morais e culturais que introduzem a consciência cidadã e as responsabilidades que lhes são subjacentes e que implicam um contributo ativo para o progresso e bem-estar das sociedades. (Guerreiro, 1998).

Segundo Parsons, a família é uma estrutura equivalente aos pequenos grupos, cujo objetivo é a substância e a manutenção do equilíbrio interno e onde as funções de liderança são desempenhadas pelas figuras paterna e materna. (Parsons, 1994).

Ao longo do século XX, as mudanças nos modelos familiares tradicionais, decorrentes, entre outros fatores, da entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho, comprometendo o seu papel de mãe a tempo inteiro, implicaram alterações nos papéis sociais e familiares. Com efeito, assistimos hoje a modelos e padrões familiares centrados em casais de duplo emprego, funcionando com base numa divisão mais simétrica e “igualitária” dos papéis de género, em que ambos os cônjuges participam no mercado de trabalho e contribuem para o rendimento familiar (Wall, Aboim, Cunha, 2010).

Nesse sentido a tarefa educativa tradicionalmente assumida pela mãe é atualmente partilhada, não só com o pai, como com uma rede de cuidados mais alargada, desde a rede familiar alargada até às instituições escolares e educadores profissionais, sendo a família obrigada a reconstruir-se nos seus papéis e funções, limitada pela escassez de tempo do casal devido à carga horário profissional de ambos (Cordeiro, 2013). É, também, neste contexto que, progressivamente, se constrói uma era de emoções, no sentido em que a instituição familiar se alicerça no valor afetivo das relações conjugais e no crescente valor social da criança e dos filhos.

O interesse sociológico na análise destas transformações e das suas implicações pode assumir múltiplas dimensões. No presente trabalho, procura-se perceber qual o papel do homem no modelo de família atual, nomeadamente, enquanto pai. Perguntamo-nos qual o papel do homem no atual modelo de família e como vivencia as suas responsabilidades familiares e parentais.

É nesse sentido que o presente estudo tem como objetivo geral a aprendizagem dos fundamentos teóricos-epistemológicos que alicerçam a recolha sistemática, tratamento, análise e interpretação qualitativa de dados com vista a uma compreensão de diferentes realidades sociais sobre as transformações do papel do homem nas relações familiares e de paternidade. Este estudo pretende assim alcançar os seguintes objetivos específicos: (1) Conhecer a nova identidade da figura masculina nas relações familiares e de paternidade; (2) Identificar perceções de paternidade nos dias de hoje; (3) Conhecer o uso do tempo familiar por parte dos homens.

O presente estudo está estruturado em três partes principais: A parte I diz respeito a toda a revisão da literatura feita ao longo de dois semestres letivos. Nos primeiros sete capítulos apresenta-se o enquadramento teórico relativo aos aspetos pertinentes para esta investigação: capítulo 1 – A família e as suas transformações; capítulo 2 - A nova identidade do homem nas responsabilidades familiares; capítulo 3 - Tempo para o trabalho, tempo para a família; capítulo 4 – Trabalho não pago; capítulo 5 – Cuidados com os filhos; capítulo 6 – Licenças de Paternidade; capítulo 7 – Mudanças a nível das infra-estruturas. Na parte II apresentamos a componente empírica do estudo que diz respeito à construção do plano de investigação e dos métodos considerados para a recolha de dados. Por fim, a parte III divide-se em cinco pontos principais correspondentes a dimensões de análise: perfil sociodemográfico e caracterização biográfica dos indivíduos entrevistados; percepções e práticas da paternidade; práticas do quotidiano; tempo dedicado à profissão e tempo dedicado às tarefas domésticas.

Com a intenção de trazer luz sobre o tema das responsabilidades familiares e da paternidade, estudar-se-á o discurso de diferentes homens com diferentes vivências e estilos de vida. No total foram entrevistados 12 homens com idades compreendidas entre os 26 e os 50 anos de idade, cuja profissão e local de residência também variam entre si.

A partir dessas percepções avaliar-se-á como cada um vê, interpreta, vivencia, experimenta, experimentou ou imagina experimentar o papel desempenhado como pai e companheiro no seio familiar.

ENQUADRAMENTO E CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

A família e as suas transformações

O conceito de família é um conceito que assume particular interesse na discussão sociológica, para além do campo científico e específico de sociologia da família. Contudo, a construção conceptual em torno da definição de família é condicionada pelas diferentes dimensões de que se reveste a instituição familiar, – umas de natureza estrutural, outras de natureza funcional e outras de natureza relacional – dimensões estas que estão em constante mudança. Por essa razão, e independentemente das pesquisas e contributos para o conhecimento de uma realidade empírica, os conceitos de família e de mudança surgem frequentemente interligados.

É nesse sentido que a Sociologia se interessa em estudar os ideais enquanto valores e normas que são transmitidos de geração em geração e também as posições que a mesma ocupa no conjunto global das instituições de uma sociedade, bem como as mudanças protagonizadas pelos atores no seio dessas instituições (Giddens, 1997). Segundo Goode (1970) “é através da família que a sociedade pode retirar do indivíduo a sua contribuição necessária. Por outro lado, a família só poderá continuar existindo se for mantida pela sociedade mais ampla” (Goode, 1970., p.13).

Os novos conceitos sociofamiliares, surgidos no decorrer do séc. XX, revelaram a transição da família tradicional para a família moderna. No que diz respeito à família tradicional, esta é apresentada por uma família nuclear, constituída pelos pais e pelos seus filhos, onde a mãe era a principal cuidadora das crianças e responsável por todas as tarefas domésticas. As suas preocupações incidiam no seu bem-estar e no dos seus filhos e marido, sem aspiração a algum tipo de realização que não marcasse a esfera familiar. O pai seria um homem trabalhador que desempenhava uma função superior – simbolizava o poder, as regras e a autoridade enquanto líder e provedor de recursos para garantir a sobrevivência da família. Enquanto a mulher era a mãe cuidadora, sensível e afetiva, o pai tinha uma posição mais fria e distante. Atualmente, numa era definida como a da família moderna, continuamos a falar de uma mãe cuidadora e afetiva, no entanto, com um papel político e social diferente (Amaro, 2006).

Nos anos 70, com os movimentos feministas, fizeram-se sentir mudanças nos comportamentos familiares, no sentido da partilha de tarefas domésticas e no desempenho do papel instrumental, quer pelo homem, quer pela mulher. Estes movimentos foram pontos de viragem na condição feminina (Vieira, 2006). Com a emancipação da mulher, decorrente, em grande parte, da sua entrada no mercado de trabalho, perde expressão a figura da mãe a tempo inteiro e assiste-se à emergência de novas formas familiares, nomeadamente, a do casal de duplo emprego. Encontra-se, assim, um modelo de família centrado numa divisão mais simétrica e igualitária de papéis, onde ambos os cônjuges

encontram espaço de participação no mercado de trabalho profissional e no trabalho doméstico (Wall, Aboim, Cunha, 2010).

Contudo, as transformações ocorrem a diferentes níveis e com diferentes ritmos, tanto nos planos sociais, como económicos e culturais, numa sociedade. Estas mudanças podem trazer algumas tensões e conflitos na família, o que remete para a reconstrução da família nuclear. A família representa hoje novas estruturas: “famílias unipessoais, constituída por uma só pessoa solteira ou viúva; as famílias reconstruídas, que são as que resultam de uniões em que pelo menos um dos cônjuges traz para o novo casamento os seus filhos dependentes; as famílias monoparentais, construídas por um dos pais e os seus filhos; e as famílias homossexuais, construídas por duas pessoas do mesmo sexo com ou sem filhos.” (Amaro, 2006 p.71).

Apesar da pluralidade de modelos, a família permanece como uma instituição social fundamental.

A nova identidade do homem nas responsabilidades familiares

Parsons (1956) analisa a família como sendo assegurada pela figura masculina através do trabalho fora do seu lar, garantindo, assim, o sustento da mesma. Este papel era considerado o mais importante dos diversos papéis que caracterizavam a vida adulta e a principal fonte de estatuto e rendimento para a família (Parsons, 1956). Conquanto, o papel do homem tem vindo a diferenciar-se daquele que já era conhecido num modelo de família tradicional. Nesse sentido, evidencia-se um movimento de entrada do homem no universo da produção doméstica dos cuidados com os filhos e no exercício da paternidade (Wall, Aboim, Cunha, 2010).

É por isso neste sentido que o presente trabalho se enquadra, procurando compreender que tipo de mudanças se verificam atualmente nas famílias modernas e, sobretudo, no papel do homem ao nível da partilha das tarefas domésticas e da partilha de cuidados parentais, pois como firmam Wall, Aboim e Cunha (2010) é sobretudo através da criança, enquanto portadora de um “nova instrumentalidade” para os homens, que vemos despontar sinais de mudança nos mesmo.

Hoje presenciamos um pai presente que procura não ser um elemento externo à vida dos filhos. Os seus interesses e investimentos surgem interligados com o amor e o orgulho que sentem pelos que dependem deles. Nesse sentido, Mário Cordeiro (2013) afirma que o pai de hoje investe nas emoções e nas relações, remetendo para a ideia de uma figura paterna afetiva.

Mas, como se constrói essa nova identidade? Terão sido as mudanças sociais que fizeram com que este novo conceito de pai ganhasse lugar na vida dos mesmos?

As mudanças assistidas ao nível da globalização e, anteriormente, da revolução industrial, trouxeram novos padrões de papéis e estilos de vida e, por essa razão, a vida privada sofreu novos contornos – a estrutura doméstica organizou-se de acordo com as transformações da esfera profissional e social.

Contudo, ser pai difere muito de cultura para cultura. Existem diferentes valores, normas e crenças definidas para o comportamento considerado “normal” na forma de ser pai (Pereira, Goes, Barros, 2015).

Tempo para o trabalho, tempo para a família

É inegável que o papel do homem, na família, tem vindo a sofrer uma enorme reconfiguração à medida que o mesmo se depara com transformações sociais mais abrangentes. A grande primeira transformação diz respeito ao casal “duplo emprego”. Pode-se dizer que este fator obrigou o homem a reconstruir o seu lugar na vida privada em novas formas de participação na esfera doméstica e cuidados parentais. É na partilha conjugal que, por vezes, muitos homens encontram o seu lugar no quotidiano doméstico, nomeadamente, “nas compras, na cozinha e nos cuidados com os filhos”, encontrando-se um número significativo de homens que assumem dessa forma as suas responsabilidades domésticas e parentais (Wall, Aboim, Cunha, 2010). Mesmo que para muitos ainda seja um desafio, o homem hoje apresenta-se, igualmente, como um pai presente, educador e mais participativo nas responsabilidades familiares.

A conciliação família-trabalho é uma condição da vida que diz respeito a todo o agregado familiar e em diferentes contextos familiares, podendo ser bastante difícil e complexo de gerir. Hoje, homens e mulheres dedicam-se a tempo inteiro nos seus trabalhos profissionais, implicando desgaste, sendo que, por essa razão, um dos aspetos típicos de preocupações comuns do casal é a gestão da carreira e da família e a sua respetiva conciliação. Em consequência desta falta de tempo, tanto dos homens, como das mulheres, o que acaba por verificar-se é a disposição e a necessidade de profissionais qualificados portugueses pagarem a alguém o desempenho das tarefas domésticas (Guerreiro, 1998).

Trabalho não pago

A conciliação entre as obrigações profissionais e os compromissos familiares e sociais envolvem, cada vez mais, questões ligadas ao tempo real no trabalho e ao tempo necessário para suportar responsabilidades essenciais fora do local de trabalho como é o caso do tempo dedicado às tarefas domésticas. Como afirma Vieira, “os ideais de amor conjugal, amor parental, bem-estar individual, sucesso profissional, conforto económico, são muitas vezes de valorizar os pequenos bens que possuem, as pequenas conquistas e os momentos de felicidade” (Vieira, 2006, p.20).

Em termos legislativos, “a partir da década de 1990 que as políticas públicas se orientam para a promoção de um segundo patamar fundamental para a igualdade de género” (Wall, et.al 2016, p.20). Quer isto dizer que tanto o homem como a mulher terão de participar ativamente nas tarefas domésticas e nos cuidados com os filhos. Apesar de todas as mudanças que temos vindo a assistir nas relações sociais de género, as do mercado de trabalho não pago têm sido mais lentas. Contudo, estudos

efetuados afirmam que, na participação diferenciada de homens e de mulheres, em particular para as tarefas de tratamento de roupa, na limpeza de casa e a preparação das refeições ainda estão associadas à esfera feminina. (Wall, K et al 2016)

Em 2014, as mulheres despendiam, em média, 8,7 horas por semana em trabalho doméstico, e os homens 3,5 horas. Em 2012 e 2014, Portugal revelava-se como o país com maior assimetria de género, com as mulheres a despendem semanalmente cerca de 10 horas mais do que os homens na realização do trabalho doméstico (Wall, K et al 2016). Persiste-se no aumento da participação predominante na mulher no que diz respeito a tarefas específicas. Em 2014, 9% dos homens dedicavam-se a tarefas como “cozinhar” e “fazer compras”, já a tarefa “tratar da roupa” continuava a dizer respeito à mulher. Introduzindo a variável idade, verifica-se então que as percentagens dos homens que participam mais nestas atividades domésticas são realizadas por homens mais jovens (Wall, K et al 2016).

Podemos desta forma afirmar que temos atualmente homens a redefinir o seu conceito de masculinidade e os papéis que desempenham nas relações com as crianças e com a família (Vala, Cabral, Ramos, 2003).

Cuidados com os filhos

As mudanças ocorridas e identificadas não dizem só respeito a um homem mais participativo nas tarefas domésticas. Ao nível das responsabilidades parentais também temos vindo a assistir a grandes mudanças por parte do homem. Ao analisarmos alguns estudos sobre as competências nos cuidados com as crianças, verificamos que cada vez mais a conjugalidade é construída em torno de valores e práticas alicerçadas no companheirismo, na igualdade e na negociação, que se manifestam, também, e consequentemente, no cuidado com os filhos. Nesse sentido, “a criança passa a ser hoje um elemento progressivamente apropriado pelos homens na construção de uma masculinidade mais afetiva” (Amâncio, 1994). Deixamos de assistir a um pai autoritário, distante e castigador para podermos observar uma nova imagem de pai presente, educador e afetivo.

Como afirma Amâncio (1994), podemos assegurar que os filhos são um dos principais agentes de mudança, pois são quem solicita a presença e o companheirismo do pai derrubando assim as hierarquias e as distâncias de modelo tradicional de relação pai-filho. Para além da interação social, o formato comunicacional e o envolvimento afetivo terem importantes implicações para o desenvolvimento cognitivo e na motivação com que a criança aborda as tarefas que a vida lhe apresenta, é essa interação que constitui a estrutura das suas relações sociais futuras (Balanchó, 2001).

É importante salientar que não só o tipo de estrutura familiar tem um impacto importante na vida da criança, mas também o tempo passado em conjunto e o tipo de atividades que os pais desenvolvem com os filhos. Receber amor e carinho do pai e da mãe tem, para a criança, um efeito positivo sobre a sua felicidade, bem-estar e sucesso social e escolar, efeitos estes que se revelam desde

a primeira infância. Por sua vez, o amor, e, em particular, a ideologia do amor romântico, como fonte de legitimação do casamento contemporâneo, tem consequências e está relacionado com a estrutura das relações sociais e de parentesco (Saraceno, 1997).

Contudo, inevitavelmente, com a chegada de uma criança à família, existe trabalho acrescido nos cuidados com a mesma e alterações na rotina do casal. Nessa altura é importante existir uma relação amorosa, partilhada e comprometida no contexto em que os traços de pais cuidadores são suscetíveis de serem aprendidos e praticados (Bradforde e Hawrim, 2006).

Tornar-se pai é um processo de transição a nível psicológico, físico e espiritual, sendo este processo muitas vezes influenciado no contexto social em que os pais estão inseridos. Por esse motivo, hoje fala-se de um envolvimento paterno não só em benefício da mãe e da criança mas também para o benefício do próprio pai e o seu potencial para desenvolver a sua própria identidade (Julémont, 2006). É nesse contexto que é importante salientar as mudanças em curso na paternidade e na vida dos casais que têm sido acompanhada pela adoção de medidas políticas promotoras da conciliação das diferentes esferas da vida do casal.

Licenças de Paternidade

Atualmente, assiste-se, por parte das empresas, à resistência na libertação dos homens para uma maior participação na vida familiar. Por conseguinte, apesar da elevada prevalência, em Portugal, de casais em que ambos trabalham a tempo inteiro fora de casa, as mulheres continuam a despende mais tempo diário e a envolver-se em mais atividades relacionadas com os/as filhos/as do que os homens (Wall, K et al 2016).

Todavia, foram implementadas medidas para a melhoria das condições de vida para o casal. As primeiras medidas implementadas foram dirigidas às mulheres e à proteção das mães no mercado de trabalho, nomeadamente o direito universal das trabalhadoras à licença de 90 dias por maternidade. Na década de 1990 foram introduzidas algumas medidas em matéria de falta de licenças de paternidade. Menos de uma década depois, a lei sobre a proteção de maternidade e da paternidade passou a incluir a paternidade enquanto “valor social eminente”. Esta lei, para além de melhorar as condições nas famílias com crianças, também veio, pela primeira vez, reconhecer que a assistência aos/as filhos/as, no dia-a-dia e em situação de doença, compete tanto à mãe como ao pai (Wall, K et al 2016).

A existência da licença parental que pode ser partilhada, ou o facto de o homem ter direito à licença para dar apoio à família ou para prestar cuidados aos filhos, em Portugal, são alguns avanços que evidenciam duas realidades: o reconhecimento do direito de os filhos terem um pai e o direito de um pai, no exercício da sua paternidade, poder estar com os seus filhos, reclamando assim, um maior acesso aos seus descendentes diretos (Mendes, 2006).

Mudanças ao nível das infra-estruturas

Para além das políticas orientadas para as licenças de parentalidade, é importante destacar outras medidas como a criação de infra-estruturas para facilitar a gestão de tempo dos pais trabalhadores. É relevante o aumento regular da oferta na rede de creches e serviços, do pré-escolar e de ATLS, o aumento da capacidade dos setores não lucrativos para acolher crianças, o facto de as escolas do 1º ciclo se encontram abertas durante 8 horas, as atividades de enriquecimento curricular e centros de atividades extracurriculares, e ainda a existência de redes informais, como os serviços de babysitting ou o apoio dos avós. Os avós, no âmbito da rede informal de apoio, serão talvez a primeira opção da maioria dos casais devido aos gastos que as outras instituições exigem, simultaneamente com o tempo que despendem para estarem presentes na vida dos netos (Wall, et al 2016).

Segundo Maria das Dores Guerreiro (1998), é necessário desenvolver práticas quotidianas nos locais de trabalho profissional para que os trabalhadores possam assistir a um equilíbrio entre a vida privada e profissional, com implicações na motivação e produtividade dos profissionais. Contudo, para muitas empresas ainda prevalecem grandes dificuldades em gerir a elevada carga horária dos seus trabalhadores. Para além disso, será de considerar a necessidade de profundas transformações para que o género, enquanto categoria social, deixe de ser alvo de um conjunto de definições do que é socialmente esperado não só das mulheres como também dos homens (Torres e Silva 1998). Por um lado, temos as mulheres responsáveis pelo trabalho doméstico por outro, temos os homens com carga horária de trabalho profissional para além do horário normal, e estes são fatores a melhorar em torno da nossa sociedade.

São largas as hipóteses que hoje o casal tem para conciliar melhor o tempo dedicado à família e trabalho, no entanto, o tempo parece ser sempre reduzido para as inúmeras responsabilidades do dia-a-dia. Esta modalidade de relação entre trabalho e vida familiar vai para além da adaptação aos constrangimentos existentes, escolhas e opções dentro e fora do seio familiar.

O que é importante assinalar é que a estrutura doméstica, principalmente na presença de crianças, está intimamente ligada ao uso do tempo e estas variam consideravelmente quando as crianças e os jovens estão presentes no agregado familiar. A assistência à família pode ser ainda uma corrida contra o tempo, no entanto, com as mudanças político-sociais a que temos vindo a assistir, verificamos que o casal adota uma partilha mais afetiva com a família.

O projeto familiar revela-se, assim, construído a partir de um equilíbrio entre diversos fatores, onde cada um deve participar de forma cooperante, dependendo acima de tudo, do companheirismo conjugal e familiar, baseando a conjugalidade numa relação que exige intimidade, partilha e sensibilidade (Bradford e Hawrins, 2006). O importante é que nesta instituição haja sempre uma relação conjugal positiva pois esta influenciará a relação com a criança.

Ao longo das décadas houve transformações na identidade masculina que decorrem de mudanças sociais e familiares. Essas mudanças implicaram novas percepções, experiências e vivências também a nível da paternidade. Nesse sentido, procura-se perceber que configurações assumem essas, experiências e vivências a diferentes níveis.

OBJETIVOS, MODELOS DE ANÁLISE E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O tema do trabalho: “Transformações do papel do homem nas relações familiares e de paternidade” visa compreender quais são as normas, as representações e as práticas da paternidade na atualidade e em que diferem das que se verificavam há 30/40 anos.

Neste contexto, primeiramente elaborou-se um modelo teórico a partir do qual se estruturaram as dimensões de recolha de informação empírica que o estudo pretende considerar. Essas dimensões foram construídas através da problemática da pesquisa sociológica. Objetivou-se, essencialmente, compreender a nova identidade do homem através das mudanças que temos vindo a assistir, considerando dimensões de análise relacionadas sobretudo com as responsabilidades familiares, quer nas práticas domésticas, quer nos cuidados com os filhos.

Assim, optou-se por uma metodologia qualitativa através da realização de 12 entrevistas a homens pais com filhos com idades compreendidas entre os 0 e os 14 anos de idade. A pesquisa qualitativa ocupa um lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenómenos que envolvem os seres humanos e as suas relações sociais (Godoy, 1995). Nesta perspetiva, adotou-se esta técnica com o propósito de “captar” o fenómeno em estudo.

Foi assim construída uma amostra, pelo método de bola de neve, de 12 homens com características específicas para a pesquisa – com formações, profissão e locais de residência distintas na procura de vivências e papéis moldados para essas características.

Estas três dimensões permitiram considerar um pequeno número de entrevistados para que a análise pudesse ser precisa na comparação entre os entrevistados, sobretudo, no que diz respeito às diferentes cidades de residência – Évora, Setúbal e Lisboa – e à sua atividade e profissão.

Após a escolha do tema foram elaborados os objetivos específicos para esta investigação, correspondendo à problemática de estudo. São três os objetivos específicos deste estudo, nomeadamente: 1- Conhecer a nova identidade da figura masculina nas relações familiares e de paternidade; 2- Conhecer as várias perceções de ser pai nos dias de hoje; 3- Conhecer o uso do tempo familiar por parte dos homens.

Depois de estruturar a pesquisa de análise foi feita a consulta de literatura referente a diferentes autores que discutem sociologicamente diferentes conceitos de família e a sua diversidade em diferentes sociedades; o papel do homem e da mulher na família tradicional e na família moderna; a prática dos usos do tempo entre o casal; a realização do trabalho doméstico por parte do homem e por parte da mulher; as preocupações dos pais nos dias de hoje, os conflitos e tensões a que hoje as famílias assistem devido às grandes alterações sociais e, essencialmente, à construção social da paternidade em Portugal e às suas mudanças a nível social e político.

No que diz respeito à componente empírica do trabalho, foi construído um guião de entrevista com 36 questões associadas a 5 dimensões: perfil sociodemográfico e caracterização biográfico; percepção da paternidade; expectativas da paternidade; práticas do quotidiano e, por último, tempo dedicado à profissão. Para assegurar que os entrevistados compreendiam os conteúdos e também com o propósito de definir claramente as dimensões e os objetivos deste estudo, realizaram-se pré-testes a indivíduos que teriam, desde logo, diferenças em relação à idade, residência, escolaridade e profissão. Esta pré-análise foi realizada com o intuito de certificar a eficácia e a pertinência das variáveis consideradas, e da exaustividade e clareza do guião face aos objetivos definidos.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, presenciais e individuais que se caracterizam por questões abertas e fechadas onde o informante tem a possibilidade de refletir sobre o tema proposto. Este tipo de entrevista traz a possibilidade de uma cobertura mais profunda sobre determinados assuntos devido ao contacto entre o entrevistado e o entrevistador, como é o caso deste estudo (Valdete e Quaresma, 2005). Neste caso, houve o cuidado de deixar os entrevistados à vontade na forma como abordaram os temas propostos, no sentido de se obter uma cobertura aprofundada dos assuntos considerados.

Toda a informação obtida foi recolhida junto dos entrevistados, sendo necessário a realização de um contacto prévio a cada um para explicar os objetivos e todos os procedimentos que este estudo de dissertação de mestrado em Sociologia considerou.

As entrevistas foram sempre marcadas conforme as disponibilidades, tanto dos entrevistados como da entrevistadora. Foi previamente pedido aos entrevistados a autorização da gravação das entrevistas, garantindo a confidencialidade e o anonimato das informações recolhidas a todos os participantes. Após a sua realização foram feitas as respetivas transcrições pormenorizadamente.

De seguida, construíram-se as sinopses das entrevistas numa grelha onde se apresentam as grandes temáticas do guião de entrevista. Estas sinopses são sínteses dos discursos que contêm a mensagem essencial da entrevista e têm como princípio manter a linguagem e discurso dos entrevistados. Como Isabela Guerra indica, “trata-se de material descritivo que, atentamente lido e sintetizado, identifica as temáticas e as problemáticas.” (Guerra, 2006,p.73). Nestas grelhas de análise estão presentes as dimensões, os indicadores e as unidades de contexto. As dimensões correspondem aos diferentes subtemas que esta investigação visa tratar; os indicadores correspondem às questões do guião de entrevista e a unidade de contexto serve de unidade de compreensão para codificar a unidade de registo correspondendo à mensagem do entrevistado (Bardim, 1977).

Após toda a revisão e análise das entrevistas prosseguiu-se para a realização da análise e discussão dos resultados. Este último capítulo foi constituído pormenorizadamente, analisando todos os detalhes dos discursos dos entrevistados e chegando a conclusões e discussões precisas para o estudo de origem.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

1- Perfil sociodemográfico e caracterização biográfica

Na análise do perfil sociodemográfico e da caracterização biográfica dos entrevistados, pretende-se compreender em que meio pessoal e social estes homens estão inseridos. Neste sentido, procurou-se conhecer a idade, a naturalidade, a residência, as habilitações académicas e a profissão de todos os indivíduos seleccionados para o estudo.

Numa segunda análise, procurando realizar uma caracterização biográfica dos entrevistados, as questões centraram-se no conhecimento do estado civil, da situação conjugal e familiar, da idade e do sexo dos filhos, com que idade os teve e, por último, pretende-se saber se os seus filhos sempre viveram com eles.

Os entrevistados têm idades e estados civis ou situações conjugais diferentes. As idades estão compreendidas entre os 26 e os 50 anos de idade. No que diz respeito aos estados civis existem 5 homens casados, 6 homens que vivem em união de facto e 1 homem pai solteiro.

Todos os inquiridos são portugueses, mas residem em localidades diferentes: cinco dos entrevistados (Duarte, Miguel, Gustavo, Tiago e Afonso) residem em Setúbal, quatro (Diogo, Hélder, Guilherme e António) residem em Lisboa e três (Vitor, Rodrigo e Joaquim) residem em Évora.

Outros fatores que os distinguem são o nível de escolaridade e a profissão. As habilitações literárias alcançadas pelos entrevistados diferem entre o 7º ano de escolaridade e o Doutoramento (ver Anexo de quadros – Quadro 1- Caracterização biográfica dos entrevistados).

Quadro 1- Caracterização biográfica dos entrevistados.

Entrevistado	Residência	Ano de Escolaridade	Profissão
Duarte	Setúbal	12º ano – curso profissional	Serralheiro de ferramentas, Modos, Cunhos e Cortantes
Miguel	Setúbal	Licenciatura	Inspetor de Cargas
Gustavo	Setúbal	9º ano	Técnico de qualidade
Diogo	Lisboa	12º ano	Chefe de departamento de

			Logística
Tiago	Setúbal	Licenciatura	Técnico de águas
Hélder	Lisboa	Licenciatura	Designer
Guilherme	Lisboa	Doutoramento	Professor Ensino Superior
Afonso	Setúbal	9º ano	Operador de máquinas
Vitor	Évora	12º ano	Comerciante
António	Lisboa	Licenciatura	Profissional de Marketing
Rodrigo	Évora	7º ano	Vendedor de produtos alimentares
Joaquim	Évora	Licenciatura	Técnico tributário

2- Perceções da Paternidade

O segundo ponto definido na análise decorre do objetivo deste trabalho: compreender as várias perceções da paternidade e as suas transformações.

Para o cumprimento dos objetivos definidos inicialmente, foram formuladas as seguintes questões (verificar Anexo A - Guião de entrevista): “Para si o que é ser pai?”; “O que é amar e cuidar de um filho?”; “Quando é que a aspiração à paternidade começou a desencadear-se na sua vida?”; “Em que moldes ela foi concretizada no quadro da sua relação conjugal?”; “O projeto da paternidade é fundamental para a sua vida conjugal? Porquê?”; “Quais as razões pelas quais o/s seu/s filho/s é/são hoje importante/s para si? E antes? Sente diferenças a esse respeito ao longo do seu percurso biográfico?”; “Gostaria de mudar alguma coisa na forma como é hoje pai?”; “O que acha que os seus filhos apreciam mais em si enquanto pai?”; “Na sua opinião, os homens envolvem-se muito ou pouco no que diz respeito às responsabilidades familiares?”; “Para si, que outras medidas eram necessárias para que os homens se envolvessem mais com as suas responsabilidades familiares?” e, por último, “Com base na sua experiência e comparando com o seu pai quando tinha a idade dos seus filhos, que semelhanças e diferenças destacaria? Dê exemplos.”

As diversas questões estão relacionadas entre si. Uma vez que o estudo pretende analisar quais as transformações do papel do homem na paternidade, é importante procurar respostas em torno de todo o seu percurso de paternidade em que os entrevistados estão e estiveram envolvidos.

Neste sentido, foi importante fazer uma primeira análise sobre “o que é ser pai”. Hoje assistimos a diferentes tipologias familiares, diferentes formas de educar e de ser pai, pois a paternidade corresponde a uma trajetória pessoal que se vai desenvolvendo consoante as próprias experiências. Esta relação entre pai e filho traz com ela uma valorização individual,

tanto do pai, como do filho, um equilíbrio familiar e também um equilíbrio psicoemocional para os filhos.

Depois de diferentes leituras sobre a paternidade, procurou-se compreender diferentes percepções da paternidade por parte dos entrevistados. Perante a questão “o que é ser pai” as respostas foram diferentes entre si, sendo que cada entrevistado expressou a sua opinião e partilhou a sua definição sobre o que é ser pai de forma muito diferente dos restantes. Rapidamente se percebe que ser pai é um conceito difícil de definir, uma vez que depende das vivências dos homens com os seus filhos e das lembranças do passado, tanto com os mesmos como também das experiências que tiveram enquanto filhos.

O entrevistado Duarte está a viver a paternidade pela primeira vez e a sua definição de pai ainda se está a construir pois segundo o mesmo, é algo que não se imagina e que só pode ser vivida para se perceber o quanto é bom ser pai.

“Está a ser bom... não dá para imaginar, só mesmo para viver. É uma preocupação constante e nesta altura que eles não falam estamos sempre preocupados, não sabemos se eles têm fome, se é para mudar a fralda, se estão mal dispostos, é complicado, mas com o tempo vamo-nos habituando e vamos conseguindo perceber. Quando nasceu foi uma emoção muito grande e a partir daí é um amor incondicional. É difícil de explicar.” (Duarte, Serralheiro).

Assistimos neste discurso a um pai preocupado, presente e bastante afetivo indicadores que nos remete para o conceito da família moderna, onde o pai deixa de ser um pai ausente e distante no dia-a-dia dos seus filhos para ser um pai mais afetivo e preocupado.

O entrevistado Afonso relata que quando sentiu a primeira vez que iria ser pai foi quando viu a sua filha nascer e que, a partir desse momento, para ele, ser pai é uma constante alegria - “Não sei... é a melhor coisa que há... Nem sei explicar o que é... é muito bom só... Não foi tanto quando soube que ia ser pai, foi mais quando a vi pela primeira vez. Primeira vez pensas “ok vou ser pai...” é muito romântico, mas quando a vi é que tive noção. Fartei-me de chorar, ri ao mesmo tempo, agarrei-me a ela. Ser pai é tudo, é dar atenção, coisas, nunca achei que fosse importante.” (Afonso, Operador de máquinas) – Este sentimento que o entrevistado partilha verificamos em muitos homens quando são pais pela primeira vez. É importante destacar as reações e os sentimentos que o entrevistado sentiu quando viu a sua filha pela primeira vez, pois foi o seu nascimento que o fez perceber a sua entrada na paternidade e ser hoje um pai mais afetivo, como o próprio afirma.

“Ser pai ao princípio foi uma experiência nova que não se sabia. Hoje em dia acho que já é uma coisa normal que a pessoa já vive o nosso dia-a-dia. Uma rotina... vem ali um pedaço de nós, que nós amamos. Apesar de haver uma série de situações, quando eles se portam menos bem, mas para mim, é a coisa melhor que pode haver na vida.” (Joaquim, Técnico Tributário).

O entrevistado Joaquim, ao definir o que é ser pai, faz uma viagem no tempo referindo que quando iniciou a paternidade foi uma nova experiência que ele nunca conhecera antes. Contudo, hoje em dia a paternidade já faz parte da sua rotina diária, uma rotina íntima onde existe a partilha de amor e como ele próprio relata “um pedaço de nós”. Verificamos um

grande vínculo e dedicação no papel de pai. Quando o entrevistado se refere a “nós” percebemos que esta paternidade é partilha entre casal. Podemos concluir pelo seu discurso – “é uma coisa normal que a pessoa já vive o nosso dia-a-dia” que a sua vida é em função do seu papel como pai. “É a coisa melhor que pode haver na vida” (Joaquim, Técnico Tributário) – que ser pai é, sem dúvida, uma enorme alegria.

Os entrevistados Diogo, Guilherme e António partilham da mesma opinião, no que diz respeito às responsabilidades enquanto pais. Para eles a tarefa de ser pai passa por transmitir bons valores e uma boa educação aos seus filhos.

”Principalmente é uma grande responsabilidade cuidar de duas crianças.” (Diogo, Chefe de departamento de Logística); “Além de cuidador e educador é o facto de ter de munir os meus filhos com as ferramentas necessárias para que os meus filhos cresçam de formas saudáveis a todos os níveis que inclui também as ferramentas para que eles possam ganhar independência.” (Guilherme, Professor Ensino Superior); ”Ser pai é cuidar, passar-lhe os valores e educar.” (António, profissional de Marketing)

Verificamos que a educação passa a ser também uma preocupação do pai e não só da mãe, o que mais uma vez remete para um modelo menos convergente como no conceito de família tradicional. A escola passa a ser uma instituição importante para a aprendizagem das crianças e tanto a mãe como o pai estão presentes na escolha da mesma e confiantes das normas e valores que são transmitidos quando os pais não estão por perto.

De seguida, procuramos saber qual a perceção dos entrevistados sobre o amor por um filho – “O que é amar e cuidar de um filho?” Ser pai pode-se definir rapidamente por obrigações, necessidades e interesses, mas no que diz respeito ao amar e cuidar pode ser muito mais que isso.

Segundo os entrevistados, o amor por um filho é um amor incondicional e diferente de todo o amor que possamos sentir por outra pessoa e, para eles, ser pai resume-se a preocupações constantes, compromissos e experiências nunca vividas. Verifica-se assim que para todos os entrevistados ser pai é um caminho que muda desde o momento em que recebem a notícia de serem pais até aos dias de hoje, independentemente da idade dos seus filhos.

Amar e cuidar de um filho são dois conceitos que coincidem para os entrevistados e que estão relacionados no dia-a-dia de ser pai, principalmente nas tarefas e responsabilidades que têm com os seus filhos.

“É estar disponível para ela, cuidar dela, mudar a fralda, vesti-la, dar banho...” (Duarte, Serralheiro); “É estar presente desde o primeiro passo até na prática do desporto. É acompanhar nos bons e nos maus momentos, sempre.” (Tiago, Técnico de águas); “É a coisa mais importante. Ela é mais importante que eu. O amor e o cuidar estão relacionados, é cuidar por amar.” (Hélder, Designer); “É impossível ser pai sem haver um amor muito forte.” (Guilherme, Professor de Licenciatura); “Faz parte da função de um pai. São valores fundamentais e complementares para uma relação entre pai e filho.” (António, profissional de Marketing); “É dar tudo o que podemos e não podemos. Eles passam a ser as nossas vidas” (Joaquim, Técnico Tributário)

Ao contrário do verificado na questão anterior, neste caso os entrevistados foram claros nas suas respostas e não mostraram qualquer hesitação. Quando analisamos esta

questão, sem antes nos dedicarmos à análise das seguintes, podemos desde já concluir que o amor dedicado aos seus filhos está presente durante todo o crescimento dos mesmos e, mais uma vez, vamos ao encontro de um novo modelo de família onde os homens se revelam pais mais afectivos e menos funcionais.

Depois de questionarmos o que é ser pai e qual o conceito de amor e de cuidados paternos, preocupamo-nos em saber quando é que a aspiração à paternidade começou a desencadear-se nas suas vidas. A análise permitiu identificar três grupos de respostas diferentes. Os entrevistados Miguel, Diogo, Afonso, Vítor e Rodrigo fazem referência às suas idades.

“Por volta dos 27\28 anos.” (Miguel, Inspetor de águas); “Por volta dos 35 anos de idade” (Diogo, Chefe de departamento de Logística); “Quando comecei a ter os 38 anos, quando já pensava que tinha uma idade madura e dar-lhe mais atenção”. (Afonso, Operador de máquinas); “Aos 25\26 anos.” (Vitor, Comerciante); “Quando comecei com uma certa idade sempre foi o meu intuito ser pai.” (Rodrigo, Vendedor de produtos alimentares).

É notório, através dos discursos dos entrevistados, que a entrada para a paternidade é cada vez mais tardia o que também implica uma participação por parte do casal mais madura. Contudo, os entrevistados Gustavo, Guilherme, António, referem-se à estabilidade financeira e da sua relação amorosa.

“Nós já vivíamos há cerca de 6 anos juntos e ainda bem que aconteceu, quanto mais cedo melhor.” (Gustavo, Técnico de qualidade); “Eu diria a partir do momento em que eu e a minha mulher encontramos condições, em primeiro lugar de afectividade.” (Guilherme, Professor de Licenciatura); “Tarde. Depois de ter começado a trabalhar, por volta dos 28 anos.” (António, profissional de Marketing)

Por fim, os entrevistados Duarte e Hélder demonstraram que desde as adolescências que tinham o desejo de ser pais – “Desde a adolescência queria ser pai.” (Duarte, Serralheiro); “Desde a minha adolescência comecei logo a querer casar e ser pai.” (Hélder, Designer).

No seguimento da questão anterior, procuramos compreender em que moldes é que a paternidade foi concretizada. De um modo geral, todos os entrevistados responderam às respostas anteriores, essencialmente, fazendo referência à estabilidade profissional, conjugal e económica, valorizando esses mesmos fatores no seu futuro.

Contudo, o entrevistado Rodrigo teve um discurso diferente de todos os restantes entrevistados. O entrevistado foi pai inesperadamente num período da sua vida que, na sua opinião, não era estável para uma vida a dois nem para a ser pai. “Foi talvez diferente daquilo que é normal. Ainda namorava com a minha esposa, eu já trabalhava, mas ela não, ainda estava a iniciar o curso de professora e ficou grávida, ainda no primeiro semestre.” (Rodrigo, Vendedor de produtos alimentares)

Porém, para o entrevistado não deixou de ser um motivo de felicidade apesar de ter consciência que para a sua esposa não seria a altura certa – “Para mim foi fácil de digerir porque tinha intenções de ser pai, mas para ela foi um transtorno e para os pais dela também.” (Rodrigo, Vendedor de produtos alimentares).

No que diz respeito ao projeto da paternidade na vida conjugal os entrevistados, em suma, têm a opinião de que a parentalidade dá sentido e reforça o matrimónio conjugal, por diversas razões:

“Para nós veio trazer-nos alegria.” (Duarte, Serralheiro); “Eu gosto da minha mulher, mas hoje sei que vamos ter dois laços que vão ser nossos para o resto das nossas vidas. São o futuro do nosso amor.” (Miguel, Inspetor de cargas); “É um pilar das nossas vidas. Nós temos os nossos altos e baixos e quando temos momentos mais em baixo é ele que nos dá força.” (Afonso, Operador de máquinas); “Cria laços mais fortes entre o pai e a mãe, fortalece a relação.” (Rodrigo, Vendedor de produtos alimentares).

No entanto, o entrevistado Hélder tem uma opinião diferente. O entrevistado baseia-se num exemplo próximo que tem na sua vida e diz que a paternidade não é fundamental na vida de um casal e no que diz respeito à sua vida conjugal também não partilha dessa opinião – “Não, acho que não. Há casais que podem ser felizes... se não for esse o objetivo. Tenho um casal amigo que não têm filhos e não querem ter e funciona bem. Em nós, nunca pensei nisso, mas como casal acho que não mudou nada, a diferença é que em vez de sermos dois somos três.” (Hélder, Designer). O seu discurso remete-nos para o modelo moderno de conjugalidade onde verificamos que cada vez mais existem casais que não têm o desejo de serem pais e que essa não é uma questão fundamental para validar a conjugalidade e o projeto de vida. É nesse sentido que se verifica uma diminuição consistente da fecundidade em Portugal, ao longo das últimas décadas. Este assunto tem surgido em diversos debates no âmbito das ciências sociais. Atualmente, Portugal apresenta valores muito baixos de fecundidade, sendo que o Índice Sintético de Fecundidade (ISF) não ultrapassa o valor de 1,5 filhos por mulher, o que remete para várias causas, quer de natureza económica, social ou de políticas públicas (Cunha, V et al 2006). Como poderemos confirmar mais à frente na nossa análise, uma das grandes preocupações dos nossos entrevistados é a conciliação entre trabalho e família e as consequências que a mesma traz para as suas relações familiares. As razões da entrada tardia para a paternidade correspondem também a diferentes obstáculos que tanto homens, como mulheres, se deparam nos dias de hoje. Contudo, também ainda existe um grande desconhecimento de direitos sociais por parte de muitos cidadãos. É neste sentido que não se deve prescindir da criação de melhores condições para ter e cuidar de um ou mais filhos.

Ao inverso, quando questionamos quais as razões pelas quais os seus filhos são hoje importantes para cada entrevistado e se essa importância difere ao longo do seu percurso biográfico, os entrevistados afirmam que os seus filhos são muito importantes para eles e que essa importância baseia-se na felicidade e na alegria, no amor e no futuro enquanto pais. Afirmam também que a importância não se modifica, a não ser para melhor, mas as preocupações alteram-se com o passar dos anos. Mais uma vez, os entrevistados vão ao encontro de uma figura de pai em que prevalecem novas dimensões como a preocupação, à afectividade, o amor e sentimentos como alegria, o foco e a força, ao invés do papel a que assistimos num modelo tradicional.

É interessante verificarmos que, apesar das suas características pessoais, nomeadamente a idade dos entrevistados, todos eles partilham um discurso muito idêntico. Poderá isto dizer que, no que diz respeito ao envolvimento e ao afeto, nesta relação de pais-filhos, não assistimos a um pai distante e tímido, pelo contrário, tanto o entrevistado Joaquim que tem 50 anos, como o entrevistado Miguel que tem 27 anos, demonstram uma grande afetividade da sua relação familiar: “A alegria que me dá todos os dias de o ter e de o ver” (Miguel, Inspetor de cargas) “São o factor da minha existência.” (Joaquim, Técnico Tributário).

Depois de se perceber quais as razões pelas quais os filhos são importantes para os nossos entrevistados, procuramos também saber o inverso, questionando-os sobre o que achavam que os seus filhos apreciam mais neles enquanto pais. Os discursos são curiosos, pois todos responderam que a brincadeira é o que mais os caracteriza enquanto pais e também é o que realça na relação da díade pai/filho. Assim, podemos ir ao encontro da autora Balancho (2001) que afirma um papel fundamental do pai que recai, sobretudo, em atividades e brincadeiras com a criança – “O pai envolve-se mais em atividades de brincadeiras, físicas e estimulantes como levá-los às cavalitas, atirá-los ao ar, fazer cócegas, jogar futebol, inventar jogos próprios e invulgares.” (Balancho, 2001, p. 58). Podemos, mais à frente, confirmar algumas das atividades que os pais dispõem com os seus filhos quando falarmos de cuidados com os mesmos, mas facilmente podemos afirmar que existe uma divisão de papéis entre pai e mãe. Enquanto o pai partilha brincadeiras e jogos com os filhos a mãe é a principal educadora e cuidadora.

Apesar dos entrevistados serem pais presentes e dedicados no que se refere à garantia do bem-estar dos seus filhos, quando questionamos se gostariam de mudar alguma coisa na forma como são hoje pais, a maioria responde que não. Contudo, três entrevistados refletem sobre a questão e dizem que gostariam de passar mais tempo com os seus filhos. Esta falta de tempo diz respeito, maioritariamente, ao tempo dedicado às suas profissões.

“Nós podemos sempre mudar e melhorar. Às vezes nós chegamos do trabalho e ele quer brincar e eu estou cansado e digo “deixa o pai descansar um bocadinho. Gostava de ter mais tempo.” (Afonso, Operador de máquinas); “Gostava de ter mais tempo para ele.” (António, profissional de Marketing); “Já houve uma altura que sim... sempre pus o trabalho um pouco à frente e hoje em dia já penso de uma forma diferente, primeiro, os meus filhos e depois o trabalho. E gostava de mudar mais um bocadinho. Dar mais atenção.” (Rodrigo, Vendedor de produtos alimentares).

Estes três entrevistados nada têm em comum, considerando o seu perfil sociodemográfico, contudo, o dia-a-dia de todos é dividido por inúmeras tarefas e responsabilidades e torna-se cada vez mais difícil conciliar os tempos para a família e para os restantes deveres, como é o caso da profissão.

Nesse sentido, foram criadas medidas políticas com a preocupação da criação de infra-estruturas de apoio à família, como é o caso de amas, creches e jardins-de-infância que têm vindo a facilitar uma maior conciliação entre família e trabalho. Contudo, a rede informal de

cuidados, sobretudo o papel dos avós, na assistência à infância, é também cada vez mais visível e solicitado pelos pais. Com esta possibilidade, os pais têm mais facilidade no que diz respeito aos horários que devem cumprir e também ao tempo que podem aproveitar com os filhos, após o seu trabalho, e também no que diz respeito a custos monetários.

Na análise da percepção da paternidade, fez-nos sentido recuar há 30 ou 40 anos atrás e fazer lembrar os nossos entrevistados de diferenças e/ou semelhanças, entre eles próprios e os seus pais quando tinham a sua idade e filhos com a idade dos seus filhos. Sentiu-se algum desconforto, por parte dos entrevistados, ao refletirem nesta questão. Todos os entrevistados referiram que a sociedade e a organização social são diferentes e que as alterações têm vindo a acentuar-se no nosso quotidiano, o que faz com que eles, enquanto homens e pais, tenham outras obrigações e percepções da vida familiar que os seus pais não tinham. Assim como, as suas respostas diferem.

“Não tenho noção se o meu pai mudava a fralda, dava banho, mas era um pai presente, brincava comigo, preocupado tal como eu.” (Duarte, Serralheiro); “Os meus pais não estiveram lá como eu estou. Passei muito tempo com os meus avós e a minha filha não.” (Tiago, Técnico de águas); “O meu pai não tinha muita paciência. Ele era muito mais severo. Nunca brincou muito, ele não tinha a paciência que eu tenho. Ele cuidava de mim, mas era mais rígido.” (Hélder, Designer); “Eu tento ser igual ao que o meu pai foi comigo e com o meu irmão porque acho que ele sempre fez e até hoje faz um papel muito importante na minha vida.” (Miguel, Inspetor de cargas); “Eu sempre vi o meu pai a ajudar, era sempre muito interventivo em casa. Ao contrário, não sou tão rígido como ele.” (Diogo, Chefe de departamento de Logística); “Eu tinha todo o conforto da minha mãe porque ela não trabalhava e hoje isso é impossível. O meu pai também foi sempre presente. Eu vejo os meus pais como exemplo e é o que eu tento ser também.” (Joaquim, Técnico Tributário).

Ao analisarmos as respostas dos entrevistados, podemos fazer referência à modernização que temos vindo a assistir na nossa sociedade. Numa sociedade tradicional competia ao homem desempenhar o papel de chefe de família e providenciar sustento económico, e à mulher competia assegurar a realização das tarefas domésticas. Hoje, assistimos a uma família em que se verifica grandes responsabilidades e exigências a nível profissional para ambas as partes.

Como referimos anteriormente, os pais necessitam de encontrar diferentes ajustes para o seu dia-a-dia de forma a conciliar o uso dos seus tempos. Por um lado, as crianças têm muito mais liberdade e estão inseridas em diferentes áreas, o que permite o seu desenvolvimento pessoal, e, por outro, deparamo-nos com uma ausência mais frequente, tanto o pai como da mãe nos seus dias. Assim, os pais de hoje são obrigados a refletir e a conciliar melhor o seu tempo e dedicação à família e é essencialmente isso a que os entrevistados se referem, direta ou indiretamente.

Por último, foi importante procurar respostas no que diz respeito ao envolvimento do homem nas responsabilidades familiares. Procurando analisar a percepção dos entrevistados em relação à paternidade, questionamos se os homens de hoje envolvem-se muito ou pouco nas

responsabilidades familiares e que medidas seriam necessárias para que os homens se envolvessem mais.

A grande maioria dos entrevistados respondeu que os homens de hoje envolvem-se muito nas responsabilidades familiares e que essa será a tendência futura. No que diz respeito às medidas necessárias para que hoje os indivíduos do sexo masculino participem cada vez mais nas responsabilidades familiares os entrevistados localizam o papel da mulher na sociedade e as transformações que surgiram a partir da emancipação da mesma, o que faz com que o homem seja obrigado a ser mais autónomo nas tarefas domésticas. No entanto, dizem não existir nenhuma medida concreta, passando as mudanças pela mentalidade, responsabilidade e educação de cada homem.

Conquanto, é importante destacar o discurso do entrevistado Tiago. Ao contrário dos restantes entrevistados, diz que na sua zona de residência, a mulher ainda tem um grande encargo no que diz respeito às responsabilidades familiares - “Neste meio pequeno eu acho que os homens passam muito tempo no café e as mulheres muito tempo a cuidar da casa e dos filhos. Neste meio pequeno ainda há pensamentos retrógrados.” (Tiago, Técnico de águas). É curioso analisar o seu discurso pelo seu perfil sociodemográfico, pois apesar de o entrevistado residir no concelho de Setúbal, numa cidade, na sua zona de residência ainda existe uma grande desigualdade de papéis entre homens e mulheres. Não só no contexto histórico mas também no contexto social, pois verificamos que ainda são bastante visíveis modelos tradicionais no que diz respeito aos papéis distribuídos pelo homem e pela mulher.

3- Práticas Quotidianas

Depois de termos conhecido a opinião dos entrevistados no que diz respeito às responsabilidades familiares, o terceiro objetivo deste estudo teve como ponto de análise compreender quais as práticas do quotidiano que os homens de hoje, enquanto pais, realizam no seio familiar. Foram colocadas quatro perguntas relacionadas com os cuidados e responsabilidades familiares e com essas questões ficamos a compreender melhor o dia-a-dia, dentro e fora do seio familiar destes entrevistados.

Em primeiro lugar, foi importante perceber se as responsabilidades familiares são divididas entre o casal. Todos os entrevistados responderam que sim. Contudo, foi importante fazer uma análise mais detalhada e por isso foi construída uma tabela de tarefas específicas que possam, ou não, ser realizadas pelo homem.

Na figura1 (ver Anexo de figuras – figura 1- Perceção dos entrevistados nos cuidados com os filhos) podemos observar detalhadamente cada tarefa que achámos pertinente analisar na entrevista. Tentámos abranger várias tarefas dos cuidados com os filhos desde o primeiro momento da paternidade até aos dias de hoje. Foi importante distinguir tarefas de maior e

menor responsabilidade, de maior e menor esforço por parte do casal e também distinguir tarefas que representam a presença do pai na vida do\seu\ filho\sa. As responsabilidades e divisão de tarefas nos cuidados com os filhos podem começar logo na escolha do nome da criança. Todos nós sabemos que esta tarefa nunca fica apenas a cargo dos pais, contudo, os entrevistados mostraram bastante interesse na altura da escolha do nome da criança e apenas dois dos entrevistados deixaram a tarefa para as suas mulheres.

Tiago acordou com a sua companheira que não iriam saber qual o sexo da criança e se fosse menina ficaria o nome que a mãe escolheu, se fosse menino ficaria o nome que o pai escolheu, e como combinado, ficou o nome de menina como a mãe desejou. Por outro lado, o entrevistado Hélder diz que quanto ao nome da sua filha, estava muito indeciso e que só chegaram a um acordo quando a sua esposa sonhou com o nascimento da sua filha e também com o seu nome, sendo que, a partir desse momento concordaram ambos com a escolha do nome. Mais uma vez verificamos que existe, por parte destes entrevistados, um maior envolvimento afetivo o que reflete uma modernização de práticas e de partilha de decisões. Para além de todas as atividades que podemos verificar na figura 1 (ver Anexo de figuras – figura 1- Perceção dos entrevistados nos cuidados com os filhos) esta questão da escolha do nome é muito interessante quando damos atenção ao discurso de alguns entrevistados em particular. Esta proximidade da parte do pai com a criança é por um lado, inconsciente e indefinida e por outro, são afetos e atenções naturais da paternidade.

De seguida, escolhemos tarefas que remetem para o período após o nascimento dos filhos e que decorrem no dia-a-dia. Podemos verificar na figura 1 (ver Anexo de figuras – figura 1- Perceção dos entrevistados nos cuidados com os filhos) que os pais demonstram alguma dificuldade em levar e ir buscar à escola e isso deve-se às horas dedicadas à sua profissão. Contudo, verificamos uma ligeira tendência para ser mais frequente levarem à escola do que irem buscar os filhos. Quer isto dizer, mais uma vez, que os horários de trabalho podem comprometer a realização dessas tarefas, como iremos confirmar mais à frente da nossa análise de resultados. No que diz respeito às tarefas de lazer como o brincar, levar a passear, ir ao parque e ver televisão, estas são atividades que os pais fazem com regularidade em família, sempre que o tempo lhes permite.

Depois das tarefas do quotidiano com os filhos, preocupamo-nos em analisar tarefas que dizem respeito à educação como, por exemplo, ter conversas sobre a escola, ter conversas que educam, escolher a escola e\ou a baby-sitter e ir aos eventos e festas escolares. Os entrevistados mostraram-se bastante presentes, contudo, a participação nos eventos extracurriculares é menos frequente, novamente pela dificuldade na conciliação com os horários de trabalho e também pela existência de poucos eventos para a família.

Após a educação, centrámo-nos nas tarefas relacionadas com a saúde – como levar ao médico –, sendo que apenas três entrevistados (Gustavo, Diogo e Afonso) responderam que não iam com os seus filhos ao médico com muita regularidade e que essa tarefa era mais da responsabilidade da mãe. Com efeito, não só as idas ao médico, mas também a ida às compras de roupa para os filhos são responsabilidades da mãe. Metade dos entrevistados respondeu que não comprava roupa e outra metade respondeu que comprava roupa para os filhos. Apenas o entrevistado Gustavo afirmou que compra roupa para a sua filha sozinho, sem a presença e a ajuda da sua esposa.

Por último, e não menos importante, observamos as tarefas de presença afetiva que dizem respeito aos contos de histórias ao deitar, adormecer o\o filho\o, dar o beijo de boa noite, manifestar afeto abertamente, amparar, dar apoio e ser um exemplo. Não há dúvida de que todos os entrevistados são pais presentes tanto na partilha de tarefas como, também, na afetividade. Ao analisarmos as suas respostas percebemos que, independentemente de qual seja o seu tempo dedicado à família, estes estão presentes nos momentos mais importantes e necessários do dia-a-dia dos seus filhos.

Para além das tarefas, uma das grandes preocupações desta pesquisa exploratória é também alcançar o uso do tempo por parte dos casais, mais especificamente por parte dos homens, nas responsabilidades familiares. Por essa razão, foi relevante tentar compreender quais as soluções que os entrevistados arranjam, quando o tempo é escasso, para passar mais tempo com os seus filhos. As respostas foram positivas, todos os entrevistados mostraram interesse em aproveitar mais o tempo com os seus filhos ao sentirem dificuldades em gerir o seu tempo no dia-a-dia. Ao analisar as suas respostas achamos interessante destacar algumas das estratégias que os entrevistados concebem para que o tempo seja rentável com a sua família.

“Quando chego a casa tento fazer o que ela precisa na altura. Estou com ela, brinco com ela.” (Duarte, Serralheiro); “Não faço mais nada. Antigamente gostava muito de jogar playstation, andar de mota, ir ao café com os meus amigos e hoje deixei de fazer isso, ou se faço, faço com elas. Os meus horários têm vindo a aumentar então todo o tempo que tenho é para estar com elas.” (Gustavo, Técnico de qualidade); “A solução é arranjar mais tempo mesmo. Por exemplo, sair mais cedo do trabalho e não ficar sempre até mais tarde.” (Diogo, Chefe de departamento de Logística); “Já inventei desculpas para faltar ao trabalho para estar com elas. Tenho a sorte de ter uma filha muito engraçada e quero mesmo estar com ela e tento distanciar-me de tudo.” (Tiago, Técnico de águas); “Deixá-lo um bocadinho mais acordado do que aquilo que ele normalmente fica para poder estar mais com ele.” (Afonso, Operador de máquinas)

Podemos concluir que não só o tipo de estrutura familiar tem um grande impacto no tempo passado em conjunto e no tipo de atividade que os pais têm com os filhos, como podemos verificar a partir da análise dos entrevistados, que a solução passa por arranjar estratégias ou procurar qualificar e valorizar o tempo dedicado à família. Por esse motivo, é importante destacar o discurso do entrevistado António: “Quando eu estou ocupado a fazer algo, tento que ele esteja entretido com alguma coisa dele também, de X em X tempo vou ter com ele. Tento

que estejamos ambos presentes mesmo estando a fazer coisas diferentes.” (António, profissional de Marketing). Inevitavelmente, o entrevistado, sendo um pai solteiro terá todas as responsabilidades e obrigações a seu cargo podendo ser mais complicado para a gestão do seu tempo. Contudo, ele tenta arranjar soluções e estratégias para estar sempre presente com o seu filho e o tempo ser tão bem aproveitado para ele, como para o filho.

Por último, procurou-se compreender, em situações de doença, quem é que fica com o filho, quem vai ao médico e se alguma vez houve a oportunidade de atestado médico para assistência à família. A análise geral indica uma elevada participação por parte dos pais nas idas ao médico e também o uso de atestado médico em caso de doença. Esta situação remete para os direitos do casal enquanto pais para casos de doença que os obrigue a um maior cuidado em relação aos filhos.

“Neste momento é a mãe. Não terei direito à baixa provavelmente, mas temos uns dias, os chamados apoio à família, sem sermos prejudicados.” (Duarte, Serralheiro); “Eu tenho mais disponibilidade e já estive uma vez de baixa, quando ele teve varicela.” (Miguel, Inspetor de cargas); “Já utilizei os dias de assistência à família e eu e a minha companheira vamos dividindo, se a última vez fui eu que fiquei então a próxima será ela.” (Tiago, Técnico de águas); “Vamos sempre juntos ao médico e quem fica com ela sou eu que tenho mais disponibilidade.” (Hélder, Design) “Se ele ficar doente eu tenho disponibilidade de ficar com ele em casa” (Afonso, Operador de máquinas)

4- Tempo dedicado à profissão

Após terem sido feitas algumas questões dedicadas às práticas e cuidados com os filhos, foi analisado um quarto objetivo deste estudo que procura compreender qual o tempo preciso que os entrevistados dedicam às suas profissões e quais as tensões, conflitos e necessidades que encontram enquanto pais e a nível do matrimónio. Numa primeira fase, foi necessário perceber quantas horas trabalham por semana, se realizam horas extra, se é um trabalho que exige muito do seu tempo e que tipos de responsabilidades têm como profissionais.

Podemos concluir com a análise da figura 2 (ver anexo de figuras –Figura 2 - participação dos entrevistados nas tarefas domésticas.) que, na sua maioria, os entrevistados ultrapassam as 35 horas semanais de trabalho que se refletem em horas extra com bastante regularidade. Por essa razão, e não só, todos eles afirmam que o seu trabalho profissional exige muito do seu tempo, sendo que as suas responsabilidades variam consoante as suas profissões e consoante a ocupação ou não de cargos de chefia. Temos o exemplo do entrevistado Diogo que chefia dois departamentos da empresa onde trabalha, e temos também os casos do entrevistado Hélder e Vitor que são trabalhadores independentes em que toda a organização, responsabilidades e tarefas estão a cargo dos próprios.

As questões da conciliação entre a vida profissional e a vida familiar têm sido, nos últimos anos, abordadas cada vez mais. Com a entrada da mulher no mercado de trabalho as famílias demonstram uma grande dificuldade em conciliar o seu tempo para todas as

responsabilidades que têm no seu dia-a-dia. As profissões são cada vez mais exigentes e a família requer um investimento forte em dimensões afetivas que se manifestem através do amor e da atenção. Mais uma vez, podemos ir ao encontro de estudos já realizados, que afirmam uma sociedade portuguesa onde prevalece o quadro de emprego a tempo inteiro para homens e mulheres, ao contrário do que se observa em outros países europeus, onde a taxa inferior de atividade feminina e o emprego feminino a tempo parcial estruturam outras modalidades de divisão conjugal do trabalho pago. (Wall, et al 2016).

Neste seguimento foi importante analisar, numa segunda fase, como é que os entrevistados dividem o seu tempo profissional e familiar, quais as dificuldades que encontram e que tipos de necessidades sentem que deveriam ser supridas pelo Estado e por outras entidades.

No que diz respeito à questão “como divide o seu tempo para a vida familiar e para a vida profissional?” os entrevistados são muito objetivos nas suas respostas e parece que facilmente separam o tempo para a família e para o trabalho. Nenhum entrevistado leva parte do trabalho profissional para casa e por essa razão é fácil para eles dividirem o seu tempo. Contudo, na questão que se segue, dizendo respeito às dificuldades que encontram ao tempo dedicado ao trabalho e ao tempo dedicado à família, os entrevistados Duarte, Miguel, Gustavo, Tiago, António e Rodrigo, sentem dificuldades e essas diferem consoante as suas profissões.

Podemos concluir que as dificuldades podem ser sentidas, não só devido ao número de filhos e às responsabilidades que eles requerem, mas também ao tempo dedicado às suas profissões e às horas que elas exigem. Contudo, os restantes entrevistados dizem não ter qualquer dificuldade em gerir o tempo, nomeadamente, os entrevistados Afonso e Vitor que são trabalhadores independentes, logo têm mais facilidade em gerir os seus horários de trabalho.

Por último, foi questionado aos entrevistados quais as necessidades que deveriam ser supridas pelo Estado no que diz respeito ao tempo dedicado à família e a cada profissão. Esta questão fez com que os entrevistados refletissem nos seus direitos enquanto profissionais e no seu ambiente profissional, entre chefias e colegas. Não foi fácil para os entrevistados responder a esta questão, mas os seus discursos foram focados, essencialmente, na carga horária da profissão dando algumas alternativas que lhes pareceram justas.

“Podia existir uma espécie de banco de horas que pudéssemos utilizar quando fosse necessário.” (Duarte, Serralheiro); “Haver mais flexibilidade nos horários do trabalho.” (Gustavo, Técnico de qualidade); “Eu acho que à nascença os pais deveriam de ter um ano de licença. Tirando isso há a questão do período das férias dos miúdos.” (Tiago, Técnico de águas).

As alterações que temos vindo a assistir também dizem respeito ao papel do homem que sofreu importantes transformações e estas favoreceram um modelo mais igualitário entre homens e mulheres, tanto nos seus deveres como nos seus direitos. As mudanças em curso na paternidade e na vida familiar têm sido acompanhadas pela adoção de medidas políticas promotoras de uma conciliação família-trabalho mais equilibrada.

No final desta década de 90, a protecção da paternidade foi reforçada, sobretudo se considerarmos as licenças específicas para o pai – licença da paternidade. A consonância com estas medidas políticas fez com que a sociedade portuguesa refletisse num modelo de licenças promotor do envolvimento do pai nos cuidados ao recém-nascido. Contudo, como podemos verificar, para estes entrevistados estas medidas não chegam nem são o suficiente para conseguirem ter mais tempo com os seus filhos como desejavam, pois, os seus grandes problemas são as horas excessivas que passam no trabalho faltando, assim, tempo para a família. É necessário consciencializar que ainda há muito a fazer na organização do trabalho-família, para se ajudar os trabalhadores a conciliar o seu tempo. Os entrevistados afirmam que muitas mudanças estão relacionadas com atitudes e mentalidades que foram construídas e terão de ser reconstruídas.

5- Tempo dedicado às tarefas domésticas.

A última dimensão abordada remete para a questão do trabalho não pago. O propósito desta análise foi investigar em que tipo de tarefas domésticas este pequeno grupo de entrevistados participa ou partilha no seu seio familiar. Tal como nas respostas à questão das responsabilidades familiares, todos os entrevistados responderam que sim quando questionados se as tarefas domésticas eram divididas entre o casal. Porém, à semelhança da análise dos cuidados com os filhos, construímos uma nova tabela dedicada a tarefas detalhadas do dia-a-dia de um casal no seio familiar, para analisar mais de perto que tipos de tarefas domésticas dizem respeito aos entrevistados. As respostas diferem, mas podemos chegar rapidamente a breves conclusões depois de analisar o quadro 2 (ver anexo de quadros – Quadro 2- Tempo dedicado à profissão).

Após a análise das entrevistas realizadas, vamos ao encontro de diferentes estudos realizados por outros autores sobre a divisão do trabalho não pago. Em 2014, os homens despendiam cerca de 8,7 horas por semana em trabalho doméstico, e as mulheres 23,4 horas (Wall, K et al 2016). Os mesmos autores, ao analisarem tarefas específicas como: fazer compras; cozinhar; tratar da roupa; fazer limpezas e tratar de doentes, concluíram que os homens que vivem em matrimónio continuam a ser executantes secundários da produção doméstica. A mulher continua a ser a principal responsável das tarefas referidas.

A figura 2 (ver Anexo de figuras- Figura 2 – Participação dos entrevistados nas tarefas domésticas) mostra que as tarefas em que os homens participam mais são as tarefas realizadas fora de casa como é o caso das compras e de levar o lixo; as tarefas que dizem respeito às economias domésticas como, por exemplo, arquivarem as contas e papéis do mês; tarefas com a higiene e de auxílio para e com os filhos como, por exemplo, acordá-los, mudar-lhes a fralda, ajudá-los a vestir, o que vai ao encontro da análise feita anteriormente sobre os cuidados com os filhos. Por último, e de forma mais inesperada face ao apontado pela literatura, estes entrevistados participam mais em tarefas relacionadas com a cozinha e com o planeamento de refeições. Com efeito, como podemos observar na figura 2 (ver Anexo de figuras- Figura 2 – Participação dos entrevistados nas tarefas domésticas) os entrevistados demonstram uma grande participação no que diz respeito às tarefas relacionadas com a cozinha. Pode-se dizer que hoje já começamos a assistir a uma maior presença do homem no planeamento das refeições principais, na cozinha, na limpeza e na arrumação da mesma.

No entanto, continuamos a observar uma grande desigualdade no que diz respeito à participação na limpeza do pó, na limpeza da casa de banho, e nas tarefas que dizem respeito à arrumação da roupa e passagem a ferro da mesma, sendo que estas tarefas ainda estão ao cargo das mulheres, como se conclui nos discursos dos entrevistados. Temos ainda tarefas que ocorrem por partilha conjugal, ou seja, tarefas realizadas em conjunto, como por exemplo: lavar o chão; arrumar os quartos; limpar o fogão; aspirar a casa; limpar o pó e limpar as passadeiras e tapetes.

É interessante notar que a representação que estes entrevistados têm da sua participação é diferente do envolvimento que na verdade têm quando questionamos detalhadamente sobre cada tarefa domésticas e se essas são divididas entre o casal, o que remete para uma desarticulação entre representação de um ideal de participação concebido na lógica de um modelo familiar moderno e uma prática efetiva regulada por um padrão de família tradicional, em que algumas das tarefas são ainda reportadas, em exclusivo, à esfera feminina.

O exercício da paternidade revela-se uma das práticas que mais se ajusta ao modelo moderno, no sentido em que, as tarefas domésticas são ainda, maioritariamente, da responsabilidade das mulheres, já no que diz respeito aos cuidados com os filhos, os homens são bastante empenhados dividindo e partilhando tarefas da sua responsabilidade.

Por fim, a última questão diz respeito à opinião dos entrevistados sobre a participação atual dos homens nas tarefas domésticas – “Os homens deviam de participar mais nas tarefas domésticas do que participam atualmente? Se sim, como pode ser isso feito?”. Os entrevistados partilham da mesma opinião, e baseando-se naquilo que vivenciam e do grupo

de amigos e familiares, percebem que hoje os homens participam mais nas tarefas domésticas do que há 30\40 anos atrás.

“Acho que sim. Passa pela iniciativa. Por exemplo enquanto ela lava a casa de banho eu limpo o pó, arrumo a cozinha...” (Duarte, Serralheiro); “Eu acho que sim porque a vida custa aos dois. E passa pela educação de cada um.” (Diogo, Chefe de departamento de Logística); “Se eu olhar para os meus pares tenho a certeza que participam como eu. Acho claramente que houve uma evolução, não sei se é suficiente, mas sim. Também existem classes diferentes.” (Guilherme, Professor de Licenciatura); “Acho que sim. Hoje em dia o trabalho acaba por ser saturante para o casal e se dividirem as tarefas custa menos a cada um. Mas como disse passa pela mentalidade. Hoje já há mais ajuda entre o casal.” (Afonso, Operador de máquinas).

Nesse sentido, podemos voltar à questão das semelhanças e diferenças quando se comparam com os seus pais na altura que tinham a idade dos seus filhos. Os entrevistados têm noção da transformação que tem ocorrido nos últimos anos quando se fala da partilha de tarefas entre casais, tanto nas tarefas domésticas como nos cuidados com os filhos, como já observamos.

No seguimento dos resultados obtidos podem concluir que, através do discurso dos entrevistados, se apresentam várias tipologias diferentes mas que, ainda assim, se destacam pelos seus perfis e modos de estar e pensar.

Numa análise global, podemos começar por destacar a nova identidade do homem quando procuramos compreender, através das respostas dos entrevistados, o que é ser pai.

Assim, vamos ao encontro de duas tipologias diferentes respeitantes a ser pai. Através dos seus discursos, podemos afirmar que temos uma tipologia de pais mais afetivos e que partilham esse amor com os seus filhos de forma consciente. Por outro lado, temos uma tipologia de pais mais preocupados com a educação e a transmissão de valores. Fazendo a ligação com as tarefas pormenorizadas dos cuidados com os filhos, são os mesmos que afirmam ajudar nos trabalhos da escola, ter conversas sobre a escola e ter conversas que educam.

É interessante quando analisamos as diferentes características destes três entrevistados. A faixa etária encontra-se entre os 38, 41 e 43 anos de idade. Os entrevistados residem na mesma região e têm profissões que exigem muito do seu tempo. No entanto, no que diz respeito ao estado civil, eles diferem. O entrevistado Diogo vive em união de facto com a sua companheira e tem dois filhos, o entrevistado Guilherme é casado e também tem dois filhos, contudo, o entrevistado António é solteiro e tem apenas um filho. Assim, podemos identificar diferentes formas de viver o dia-a-dia e também de conviver, ou não, em matrimónio. Porém, os entrevistados partilham alguns atributos na forma de serem pais nos dias de hoje. Quer isto dizer que a posição social de classe, assim como a idade dos entrevistados pode ser mais determinantes na definição de valores e papéis sociais do que o seu estado civil.

Nesse mesmo sentido, podemos recorrer à análise feita sobre o tempo dedicado ao trabalho profissional e verificamos que estes entrevistados exercem profissões que exigem muito do seu tempo, obrigando-os a realizar horas extra e com grandes responsabilidades a seu cargo. Pelo facto de não estarem presentes fisicamente por longos períodos do dia, as preocupações sobre a educação e valores transmitidos aos seus filhos crescem.

Na sequência do tempo dedicado à família e do tempo dedicado à profissão podemos analisar as dificuldades que os entrevistados encontram. Obtivemos dois tipos de homens: os homens que sentem dificuldades e os homens que não sentem dificuldades nesta conciliação. Seguindo as suas características mais uma vez vamos ao encontro de semelhanças entre eles em torno do seu perfil biográfico. Os homens que dizem não ter dificuldades na gestão do tempo para a família e para a profissão correspondem a um grupo de entrevistados de uma faixa etária mais avançada – 38, 39, 41, e 50 anos de idade. Apesar de terem responsabilidades e cargos de trabalho profissional diferentes, estes homens conseguem conciliar melhor o tempo com a sua família. Certamente, as experiências/vivências enquanto homens e pais foram essenciais para adquirir estratégias para obterem esta conciliação que tanto é desejada.

Quando foi realizada a análise das expectativas sobre a paternidade percebemos que mais uma vez, existem dois perfis diferenciados, que emergiram quando foi solicitado aos entrevistados que fizessem uma reflexão sobre as suas vivências enquanto filhos e enquanto pais. Por um lado, temos entrevistados que não se identificam com a educação, a forma de ser, e a forma de estar dos seus pais. Estes afirmam que os seus pais eram ausentes e tinham uma postura rígida, não tinham responsabilidades familiares no que diz respeito às tarefas domésticas, aos cuidados com os filhos, e não existia uma preocupação sobre o futuro como hoje eles têm com os seus filhos. Por outro lado, verificamos entrevistados que encontram semelhanças e são essas que os fazem seguir os pais como exemplo.

Todavia, quando procuramos perceber se os entrevistados gostariam de mudar alguma coisa na forma de como são pais encontramos dois grupos diferentes de opiniões: alguns entrevistados dizem que não, mas dois dos entrevistados dizem que sim. Estes últimos têm semelhanças entre si, no que diz respeito à sua residência e ao seu estado civil. Ambos os entrevistados residem em Évora e são casados e os seus discursos remetem para a falta de tempo que têm para a família, tanto pelas responsabilidades profissionais, como também pelo cansaço que direta, ou indiretamente, influencia a sua disponibilidade e as dinâmicas do seio familiar.

Por fim, podemos fechar este capítulo afirmando que as dimensões de análise e as tipologias classificatórias trazem conclusões no sentido de a posição de classe tendem a estruturar comportamentos. Os indicadores socioprofissionais, com efeito, integram variáveis importantes que são destacadas neste estudo, como, por exemplo, a profissão e situação na

profissão, a condição perante o trabalho, a qualificação profissional, o setor de atividade e a posição hierárquica.

Para além disso, o indicador socioeducacional também integra variáveis fundamentais, pois a educação é um elemento-chave da configuração das sociedades e dos seus processos de desenvolvimento, como também da organização dos quotidianos e dos trajetos de vida pessoal. (Costa, A et al 2000).

Os graus de escolaridade não são, evidentemente, o único recurso socialmente revelante distribuído desigualmente nas sociedades contemporâneas, mas esta relação ilustra a articulação entre estrutura de lugares de classe e processos de formas das classes (Costa, A et al ,2000).

Não quer isto dizer que todas as facetas relevantes da realidade social sejam reprimíveis às relações de classe, de forma direta e linear, nem tão pouco que estas relações possam ser reduzidas a uma determinada dimensão de estrutura social, mas, nas sociedades atuais, as desigualdades e distinções sociais não deixam de ser um dos elementos constitutivos fundamentais destas sociedades. Contudo, são estas diferentes condições de existência que continuam a compor valores e comportamentos dos diferentes atores sociais, como podemos associar à análise dos entrevistados em estudo.

O presente estudo pretende ser um contributo para a literatura já existente sobre a importância do papel do homem na vida familiar e na paternidade através das transformações que têm vindo a ocorrer. Segundo a análise e a interpretação dos resultados obtidos, os homens de hoje apresentam uma nova identidade parental, pelo que as conclusões resultantes deste estudo remetem para o facto de, atualmente, as experiências e as vivências da paternidade terem um pendor mais afetivo face a gerações anteriores. Nesse sentido, as práticas protagonizadas por estes homens que experienciam agora o papel de pais, mesmo que não totalmente coincidentes, são mais próximas das representações onde a afetividade tem um papel muito forte, a classe social e a idade podem funcionar como variáveis com um poder diferenciador de representações e de práticas.

Podemos começar por identificar a perceção da paternidade, onde verificamos que hoje assistimos a homens pais mais afetivos. Como afirmam diferentes autores – (Wall, Aboim, Cunha (2010), Amâncio (2004), Cabral (2003), Wall, K et al (2016), Cordeiro (2013) – falamos hoje de uma família moderna onde o amor, o companheirismo e a partilha são grandes fatores para a existência de uma estrutura familiar mais equilibrada. Enquanto na família tradicional falamos de um amor difuso, hoje falamos de um amor partilhado para o bem estar do casal e para os filhos.

Para tal contribuiu a entrada da mulher no mercado de trabalho, o que trouxe mudanças não só para as mesmas mas também para todo o seio familiar. Os homens afastam-se da imagem exclusiva de “patriarcas” da família para serem pais e companheiros mais presentes e menos instrumentais. Os entrevistados em estudo demonstraram que ser pai é, sem dúvida, uma experiência diferente que requer responsabilidades e preocupações a nível da educação e da transmissão de valores. Contudo, essa experiência não se resume apenas à transmissão de ideologias e valores, mas também à vivência de um amor incondicional. Os entrevistados indicam que todas as partilhas e o amor que são dedicados aos filhos só são adquiridos, pelos mesmos, através de vivências, de espaços e momentos de partilha e que isso não só resulta de uma boa relação da díade pai-filho como também de uma conjugalidade íntima e equilibrada.

No que diz respeito à educação e aos cuidados com os filhos verifica-se que também existe uma grande alteração por parte dos pais. A educação passa a ser uma preocupação tanto da mãe como do pai. Os entrevistados procuram oferecer um futuro melhor aos filhos e também se preocupam em estar presentes em diferentes atividades dentro e fora da escola. Nos cuidados com os filhos acompanhamos uma grande evolução quando falamos de tarefas específicas de responsabilidades enquanto pais. Os entrevistados esforçam-se para estarem presentes em tarefas como a muda da fralda,

pegar ao colo, levar e buscar à escola, ir passear ao parque, ir ao cinema, estar presente na hora das principais refeições, tratar de estar presente na hora do deitar dos filhos.

Contudo, existem também algumas dificuldades para que essa presença se torne rotineira. Ao longo do trabalho fomos analisando as principais tensões e conflitos que existem por parte dos entrevistados no que diz respeito ao tempo dedicado à família e ao trabalho profissional. Hoje passamos a falar de um casal de “duplo emprego”, como nos deram a conhecer vários autores como Guerreiro (1998), Perista (1999), Botelho (1988), Brás (2008), que afirmam que as responsabilidades, tanto profissionais como familiares, duplicaram e isso obriga o casal a gerir o seu tempo em torno das responsabilidades familiares e profissionais.

Os homens e as mulheres têm responsabilidades profissionais que requerem muito do seu tempo, onde, muitas vezes, é necessário o cumprimento de horas extras impostas por parte das chefias, como verificamos na nossa pesquisa qualitativa. Nesse contexto, têm vindo a ser institucionalizadas novas formas de apoio, nomeadamente infra-estruturas como creches, ATLs e centros de estudo. Também o apoio dos avós se revela fundamental para a gestão do tempo dos pais, apesar de não se enquadrar muito nas escolhas dos nossos entrevistados.

Porém, os nossos entrevistados não se contentam com as medidas tomadas por parte do Estado ou pelas empresas onde trabalham, e verificamos, no seu discurso, que ainda há muito por fazer no que diz respeito ao tempo de que necessitam para estar com a família, pois, quando questionamos o que gostariam de mudar no seu papel enquanto pais, os mesmos reportam ao pouco tempo que passam com a família. As tensões e conflitos a que assistimos por parte dos entrevistados também nos remetem para alguns discursos dos mesmos quando pedimos para fazer uma pequena reflexão sobre as diferenças e semelhanças que encontram ao compararem-se com os seus pais. Concluímos assim, que os homens de hoje sabem muito bem que tipo de pais é que gostariam de ser ou que afirmam ser nas suas vivências como tal.

Ao contrário, no que diz respeito às tarefas de cuidados com os filhos, onde os pais afirmaram realizar todo o tipo de tarefas e atividades, concluímos que existe disparidade quando questionamos se as tarefas domésticas são divididas entre o casal, ao que todos os entrevistados afirmam que sim mas, na prática, ainda existe um grande número de tarefas domésticas a serem realizadas apenas pela mulher. Porém, os resultados obtidos não deixaram de surpreender. Os nossos entrevistados comprovam que não existe apenas uma evolução no que diz respeito a tarefas com os filhos, tarefas de maior esforço e em tarefas de contabilidade. Partindo da análise das nossas entrevistas, assegura-se também uma grande participação no planeamento, nas compras e na confeção das refeições e, para além disso, na limpeza da cozinha. Contudo, podemos afirmar que as tarefas que dizem respeito à roupa como por exemplo passar a ferro; tratar a roupa; arrumar a roupa e tarefas de limpezas como é o exemplo de lavar a casa de banho; limpar e polir todos os móveis, arrumar os quartos e lavar o chão

ainda se acentuam como responsabilidades da mulher. Ou seja, conclui-se que existe um maior envolvimento nas tarefas domésticas, mas esta participação é desigual em função das tarefas.

Em conclusão, podemos ainda afirmar que a classe social molda as experiências destes entrevistados como verificamos nos resultados quando falamos de tipologias parentais. A idade, a profissão e a escolaridade dos entrevistados são fatores que influenciam o discurso e as experiências de cada um, tal como foi referido anteriormente.

Para terminar, é importante salientar que os homens investem, cada vez mais, na dimensão afetiva. O amor, a atenção e toda a disponibilidade emocional por parte dos homens pais, ganhou outro lugar nos dias de hoje. Os laços familiares são cada vez mais fortes e a família continua a ter um significado importante na nossa sociedade. Examinar o papel do homem na família significa ter que olhar para a organização da sociedade em geral, e sobretudo, sobre a enorme influência de tabus, estereótipos e resistências à mudança. É neste sentido que conseguimos dar respostas aos três grandes objectivos deste estudo, através de toda análise feita, tanto na teoria, como na empiria

BIBLIOGRAFIA

- Aboim, Sofia (2009), “Da pluralidade de afetos: trajetos e orientações amorosos nas conjugalidades contemporâneas”. *Revista Brasileira de ciências Sociais*, (Online). Disponível em: Scielo.
- Almeida, Ana (1998), *Relações familiares: mudanças e diversidades*, Oeiras, Celta Editora.
- Almeida, João (1995), *Introdução à Sociologia*, Lisboa, Universidade Aberta.
- Almeida, Miguel (1995), *Senhores de si: uma introdução antropológica da masculinidade*, Lisboa, Fim de século.
- Almeida, Miguel (1996), *The hegemonic male: masculinity in a portuguese town*, Berghahn Books, Providence.
- Amâncio, Lúcia (2004), *Aprender a ser homem: construindo masculinidades*, Lisboa, Livros Horizonte.
- Amâncio, Lúcia (1994), *Masculino e feminino: a construção social da diferença*, Porto, Edições Afrontamento.
- Amaro, Fausto (2006), *Introdução à Sociologia*, Lisboa : Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Balancho, Maria Leonor (2001), *O novo papel do pai na educação dos filhos*, Tese de Mestrado em Psicologia Educacional, Lisboa, Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Bardim, Laurence (1977), *Análise de Conteúdo*, Lisboa, Edições 70.
- Bernardes, Jon (1997), *Family studies : an introduction*. London, Routledge.
- Brás, Patrícia (2008), *Um olhar sobre a paternidade (Estilos parentais e aliança parental) à luz das transformações sociais atuais*, Dissertação de Mestrado integrado em Psicologia, (sine loco), Seção de Psicologia Clínica e da Saúde, Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica.
- Bradford, Kay e Alan Hawkins (2006), “Learning Competent Fathering: A Longitudinal Analysis of Marital Intimacy and Fathering” (Online), consultado em 28.10.2017. Disponível em: [file:///C:/Users/USER/Downloads/252-429-1-PB%20\(5\).pdf](file:///C:/Users/USER/Downloads/252-429-1-PB%20(5).pdf).
- Breyner, Mariana Mello (2016), *Conflito trabalho-família e a auto-eficácia no trabalho: o papel moderador da identificação organizacional*, Dissertação de mestrado em Psicologia Social e das Organizações, Lisboa, Departamento de Psicologia Social e das Organizações, ISCTE Instituto Universitário de Lisboa.
- Bourdieu, Pierre (1999), *A dominação Masculina*. Oeiras, Celta Editora.
- Botelho, Luísa (1988), *Tempo para o trabalho, tempo para a família*. Direcção-Geral da Família. Lisboa.
- Cabral, João (2003), *O homem na família: cinco ensaios de Antropologia*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- Cordeiro, Mário (2013), *Vou ser pai: o guia de gravidez para os homens que as mulheres também deveriam ler*, Lisboa, Editorial.

Costa, António et al. (2000), “Classes sociais na Europa” (Online) consultado em 23.08.2018. Disponível em: <file:///E:/DISSERTAÇÃO/+%20bibliografia/classes%20sociais%20antonio%20da%20costa.pdf>.

Cunha, Vanessa (2006), Famílias, fecundidades e funções dos filhos: o impacto do tempo e dos contextos sociais. Tese de doutoramento em Sociologia, Lisboa, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – ISCTE.

Cunha, Vilar, Wall, Lavinha, e Pereira (2016), *A(s) problemática(s) da natalidade em Portugal: uma questão social, económica e política*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

Dragona, Thalia (2012), “Becoming a father: psychosocial challenges for greek men”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, (Online), consultado em: 10.01.2018, disponível em: Scielo.

Esteves, António (1991), “A família numa sociedade em mudança”, *Sociologia: Revista da Faculdades de Letras da Universidade do Porto*, (Online), consultado em: 12.11.2017, disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo3051.pdf>.

Farcas, Diana (2012), *A família chama por mim, mas o trabalho não tem fim...: necessidade e desafios do ponto de vista psicossocial das famílias expatriadas*, Dissertação de mestrado em Psicologia Social e das Organizações, Lisboa, Departamento de Psicologia Social e das Organizações, ISCTE Instituto Universitário de Lisboa.

Giddens, Anthony (1994), *Modernidade e identidade pessoal*, Oeiras, Celta Editora.

Giddens, Anthony (1997), *Sociology*. Cambridge, Polity Press.

Godoy, Arilda Schmidt (1995), “Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais”, *Revista de Administração de empresas*, (Online), consultado em: 24.10.2017, disponível em: Scielo.

Goode, William (1970), *A família*. São Paulo, Livraria Pioneira Editora.

Guerra, Isabel (2006), *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso*, Estoril, Principia.

Guerreiro, Maria das Dores (2001), “Novos conceitos de família”, *Pretextos*, 6.

Guerreiro, Maria das Dores (1998), *Trabalho, Família e Gerações*, Lisboa, Cies/ISCTE.

Infante, Fernanda (1991), *Contributos para o estudo das famílias monoparentais na cidade de Lisboa*, Lisboa, Ministério da Justiça. Centro de estudos judiciais.

Julémont, Ghislaine (2006), “Men and families. Men’s changing family roles in Europe”, COFACE; Belgian Institute for Gender Equality; European Community, (Online) consultado em: 04.03.2018. Disponível em: [file:///E:/DISSERTAÇÃO/+%20bibliografia/COFACE_men_%20and_families%20\(1%20fase\).pdf](file:///E:/DISSERTAÇÃO/+%20bibliografia/COFACE_men_%20and_families%20(1%20fase).pdf).

Koronaïou, Alexandra (2007), *O papel dos pais no equilíbrio da vida pessoal, profissional e familiar*, Atenas, Centro de Pesquisa sobre Temas de Igualdade.

Leandro, Maria Engrácia (2001), *Sociologia da família nas sociedades contemporâneas*, Lisboa, Universidade Aberta

Lopes, Mónica Catarina do Adro (2009), *Trabalho e parentalidade*, Dissertação de mestrado em Sociologia, Coimbra, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra.

Machado, Helena (2007), *Moralizar para identificar: cenários de investigação judicial da paternidade*, Porto, Afrontamento.

Martins, Alice (1999), *Amor de mãe amor de pai*, Lisboa, Comissão para a igualdade e para os direitos das mulheres.

Mendes, R (2006), *À procura de novos pais: percepções e atitudes perante a paternidade*. Lisboa: [s.n.].

Pereira, Ana Isabel, Ana Rita Goes e Luísa Barros (2015), *Promoção da parentalidade positiva intervenções psicológicas com pais de crianças e adolescentes*, Lisboa, Coisas de Ler Edições.

Parsons, Talcott (1956), “Family structure and the socialization of the child”, em T. Parsons e R. F. Bales (orgs.), *Family, Socialization and the Interaction Process*, Londres, Routledge.

Perista, H. (1999), *Os Usos do Tempo e o Valor do trabalho – uma questão de género*, Lisboa, Departamento de Estudos, Prospectiva e Planeamento.

Quaresma, Jurema e Valdete Boni (2005), “Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais” (Online), consultado em 09.11.2017, disponível em: <file:///E:/DISSERTAÇÃO/+%20bibliografia/entrevistas%20em%20sociologia.pdf>.

Romensky, Larissa (2016), “The Changing face of fatherhood in the 21st century” (Online), Consultado em 07.02.2018. Disponível em: <http://www.abc.net.au/news/2016-09-04/meet-four-dads-showing-the-changing-face-of-fatherhood/78080766>.

Saraceno, Chiara (1997), *Sociologia da família*, Lisboa, Editorial Estampa.

Shmitz, Rachel (2016), Constructing Men as Fathers: A Content Analysis of Formulations of Fatherhood in Parenting Magazines. *Journal of Men's Studies*, (Online) Vol. 24, consultado em: 04.12.2017, Disponível em: <http://journals.sagepub.com/action/doSearch?AllField=construting+men+as+fathers>.

Shorter, E (2001), *A formação da família moderna*. Lisboa, Terramar.

Torres, Anália e Francisco Vieira da Silva (1998), “Guarda das crianças e divisão do trabalho entre homens e mulheres” *Sociologia Problemas e práticas*, Nº28.

Torres, Anália (2004), *Homens e mulheres entre família e trabalho*, Lisboa, Comissão de igualdade no trabalho e no emprego.

Torres, Anália (2004), *Vida conjugal e trabalho: uma perspectiva Sociológica*, Oeiras, Celta Editora.

Vala, Jorge, Manuel Vilaverde Cabral e Alice Ramos (2003), *Atitudes sociais dos Portugueses. Valores sociais: mudanças em Portugal e na Europa*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

Valdete, Boni e Quaresma, Jurema (2005), “Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais” (Online), consultado em 09.11.2017, disponível em: <file:///E:/DISSERTAÇÃO/+%20bibliografia/entrevistas%20em%20sociologia.pdf>.

Vieira, Patrícia (2006), *Frutos do amor : um olhar sobre as dinâmicas conjugais na parentalidade inaugural*, Tese de mestrado em Família e Sociedade, Departamento de Sociologia, Lisboa, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – ISCTE.

Wall, Karin e Lígia Amâncio (2007), *Atitudes sociais dos Portugueses. Família e Género em Portugal e na Europa*, Lisboa, ICS.

Wall, Karin e Lígia Amâncio (2007), *Famílias e género em Portugal e na Europa*, Lisboa, Imprensa das ciências sociais.

Wall, Karin, Sofia Aboim e Vanessa Cunha (2010), *A vida Familiar no Masculino. Negociando velhas e novas masculinidade*, Lisboa, Editorial do Ministério da Educação.

Wall, Karin *et.al* (2016), *LIVRO BRANCO - Homens e Igualdade de Género em Portugal*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

ANEXOS

ANEXO A- GUIÃO DE ENTREVISTA

Guião de entrevista

I. Perfil sociodemográfico e Caracterização biográfico

1. Género [M]
2. Qual é a sua idade?
3. Onde nasceu (naturalidade)?
4. Onde reside?
5. Qual o seu nível de escolaridade?
6. Qual a sua profissão?
7. Qual o seu estado civil?
8. Qual é a sua situação conjugal e familiar? [Com quem vive]
9. Quantos filhos têm?
10. Qual o género do\seu\seu filho\seus?
11. Que idade tem o\seu\seu filho\seus?
12. Com que idade teve o seu\seus filho\seus?
13. Todos os seus filhos vivem consigo ou sempre consigo? Se não, explicita.

II. Perceções da paternidade

14. O que é para si ser pai?
15. E o que é amar e cuidar de um filho?
16. Quando é que a aspiração à paternidade começou a desencadear-se na sua vida?
17. Em que moldes ela foi concretizada no quadro da sua relação conjugal?
18. O projeto da paternidade é fundamental para a sua vida conjugal? Porquê?
19. Quais as razões pelas quais o\seu\seu filho\seus são hoje importantes para si? E dantes? Sente diferenças a esse respeito ao longo do seu percurso biográfico?

III. Expectativas sobre a paternidade

20. O que acha que os seus filhos apreciam mais em si enquanto pai?
21. Gostaria de mudar alguma coisa na forma como é hoje pai?
22. Na sua opinião, os homens envolvem-se muito ou pouco no que diz respeito às responsabilidades familiares?

23. Para si, que outras medidas eram necessárias para que os homens se envolvessem mais com as suas responsabilidades familiares?

24. Com base na sua experiência e comparando com o seu pai quando tinha a idade dos seus filhos, que semelhanças e diferenças destacaria? Dê exemplos.

III. Práticas do quotidiano

25. Os cuidados e responsabilidades com os filhos são divididos entre o casal?

Cuidados com os filhos	SIM	QUANTAS VEZES POR MÊS \\ QUANTO TEMPO	NÃO	Quem realiza a tarefa?
Escolher o nome				
Dar de comer				
Pegar ao colo				
Levar à escola				
Ir buscar à escola				
Ajudar nos trabalhos escolares				
Brincar				
Jogar a bola				
Brincar às casinhas\bonecos				

Jogar a jogos de tabuleiro				
Levar a passear				
Levar ao cinema				
Levar ao parque				
Levar à casa dos amigos				
Ver televisão				
Ter conversas sobre a escola				
Ter conversas sérias que educam				
Tomar as refeições juntos				
Ir às festas da escola				
Ir aos eventos extracurriculares				
Escolher a escola				
Escolher a baby-sitter				
Levar ao médico				
Comprar roupa				
Tratar da rotina de o deitar				
Contar\ler histórias				
Estar presente na hora do deitar				
Deixar adormecer o\o filho\o				
Dar o beijo de boa noite				

Manifestar afeto abertamente				
Disponibilidade física e emocional.				
Amparar\ dar apoio				
Ser um exemplo				

26. Quais as soluções que arranja, quando o tempo é escasso, para passar mais tempo com o\seu\seu filho\seus?

27. Se um filho adoecer quem fica com ele em casa? Já esteve de atestado médico para cuidar do seu filho? Quantas vezes no último ano? E a sua mulher?

III.I Tempo dedicado à profissão

28. Quantas horas trabalha por semana?

29. Realiza horas extras? Com que frequência?

30. É um trabalho que exige muito do seu tempo?

31. Que tipo de responsabilidades profissionais tem?

32. Como divide o seu tempo para a vida familiar e para a vida profissional?

33. Que dificuldade encontra no que diz respeito ao tempo dedicado à família e ao trabalho? [tensões e conflitos]

34. Que necessidades sente que deveriam ser supridas pelo estado? E por outras entidades? [Exemplificar como?]

III.II. Tempo dedicado às tarefas domésticas

35. As tarefas domésticas são divididas entre o casal?

TAREFAS DOMÉSTICAS	SIM	QUANTAS VEZES POR MÊS \\ QUANTO TEMPO	NÃO	Quem realiza a tarefa?
Acordar os filhos				
Dar banho aos filhos				
Ajudar os filhos a fazer a higiene				
Mudar a fralda aos filhos				
Ajudar os filhos a vestir				
Preparar as refeições				
Lavar a casa de banho				
Trocar Toalhas e lençóis				
Levar o lixo				
Preparar a roupa para passar a ferro				
Passar a ferro				
Arrumar a roupa passada a ferro				
Arrumar os roupeiros da roupa				
Limpar e polir todos os móveis e utensílios				
Limpar todos os tapetes e passadeiras				
Limpar os vidros				

Limpar o pó				
Aspirar a casa				
Arrumar a cozinha				
Lavar as louças e utensílios da cozinha				
Limpar o fogão				
Arrumar os quartos				
Lavar o chão				
Fazer lista de compras				
Ir às compras				
Cozinhar				
Planejar as refeições				
Arquivar contas e papéis do mês				

36. Os homens deviam de participar mais nas tarefas domésticas do que participam atualmente? Se sim, como pode ser isso feito?

OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO!.

ANEXOS DE QUADROS

Quadro 1-Caraterização biográfica dos entrevistados.

Entrevistado	Residência	Ano de Escolaridade	Profissão
Duarte	Palmela	12º ano – curso profissional	Serralheiro de ferramentas, Modos, Cunhos e Cortantes
Miguel	Quinta do Conde	Licenciatura	Inspetor de Cargas
Gustavo	Quinta do Conde	9º ano	Técnico de qualidade
Diogo	Loures	12º ano	Chefe de departamento de Logística
Tiago	Palmela	Licenciatura	Técnico de águas
Hélder	Lisboa	Licenciatura	Designer
Guilherme	Lisboa	Doutoramento	Professor Ensino superior
Afonso	Setúbal	9º ano	Operador de máquinas
Vitor	Évora	12º ano	Comerciante
António	Carnaxide	Licenciatura	Profissional de Marketing
Rodrigo	Évora	7º ano	Vendedor de produtos alimentares
Joaquim	Évora	Licenciatura	Técnico tributário

Quadro 2- Tempo dedicado à profissão.

Entrevistado	Quantas horas trabalha por semana?	Realiza horas extras? Com que frequência?	É um trabalho que exige muito do seu tempo?	Que tipo de responsabilidades profissionais tem?
Duarte, Serralheiro	40 horas semanais	Aos fins de semana, se for completo, são 16 horas extras.	Sim	Tenho a responsabilidade de ficar bem feito. Para que não corra nada mal.
Miguel, Inspetor de cargas	70 horas semanais	Sim	Sim	Inspecionar as carga que vêm em navios para cargas e descargas.
Gustavo, Técnico de qualidade	8h\9h por dia	Todas as semanas	Sim	-----
Diogo, Chefe departamento de Logística	8 horas por dia	Sim	Sim	Construir cenários e gerir equipas
Tiago, Técnico de água	36 horas	Às vezes	Sim	Tenho de garantir o serviço mínimo essencial de água
Hélder, Design	40\50 horas	Sim, 6 horas por semana	Sim	Como sou trabalhador independente tenho de falar com o cliente, criar os sites, fazer as contas.

Guilherme, Professor de Licenciatura	40\ 45 horas	Não considero	Sim	Garantir que as aulas sejam dadas em condições, que os conteúdos problemáticos sejam adequados, que as avaliações sejam feitas de forma adequada e seja feito de forma de igual para todos os alunos.
Afonso, Operador de máquinas	40 horas	Sim	Sim	É mexer numa máquina 8 horas por ti e toda a atenção têm de ser redobrada.
Vitor, Comerciante	8 horas por dia	Sim	Sim	Sendo gerente, tenho todas as responsabilidades e por toda agente.
António, Markting	55 horas	Todos os dias	Sim	Sou responsável por um departamento de Marketing
Rodrigo, Vendedor de produtos alimentares	11 horas \ 12 horas por dia	Sim	Sim	Vendedor a minha profissão compete-me angariar novos clientes, vender e cobrar.
Joaquim, Técnico Tributário	35 horas	Não	Sim	-----

Quadro 3- Quadro de cuidados com os filhos.

	Duarte, Serralheiro	Miguel, Inspetor de cargas	Gustavo, Técnico de qualidade	Diogo, Chefe de departamento de Logística	Tiago, Técnico de águas	Hélder, Designer	Guilherme, Professor de Licenciatura	Afonso, Operador de máquinas	Vitor, Comerciante	António, Marketing	Rodrigo, Vendedor de produtos alimentares	Joaquim, Técnico Tributário
Cuidados com os filhos	SIM\NÃO											
Escolher o nome	S	S	S	S	N	N	S	S	S	S	S	S
Dar de comer	0	S	S	N	N	S	S	S	S	S	S	S
Pegar ao colo	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Levar à escola	0	N	S	S	N	S	S	S	S	S	N	S
Ir buscar à escola	0	S	S	S	N	S	S	N	S	N	N	S
Ajudar nos trabalhos escolares	0	0	0	S	S	S	S	S	S	S	N	S
Brincar	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Jogar a bola	0	S	0	S	0	0	S	S	S	N	S	S
Brincar às casinhas\bonecos	0	S	S	S	S	S	S	0	0	0	0	S
Jogar a jogos de tabuleiro	0	0	N	S	N	S	S	S	S	S	N	S

Levar a passear	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Levar ao cinema	0	0	0	S	0	0	S	N	N	S	N	N
Levar ao parque	N	N	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Levar à casa dos amigos	0	0	0	S	N	S	S	S	S	N	S	S
Ver televisão	0	S	S	S	S	N	S	S	S	N	S	S
Ter conversas sobre a escola	0	0	0	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Ter conversas sérias que educam	0	0	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Tomar as refeições juntos	0	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Ir às festas da escola	0	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Ir aos eventos extracurriculares	0	0	0	S	S	S	S	N	S	N	N	S
Escolher a escola	0	N	S	S	S	S	S	S	S	N	S	S
Escolher a baby-sitter	0	0	0	0	0	0	0	S	0	0	0	0
Levar ao médico	S	S	S	N	S	S	S	S	S	N	S	N
Comprar roupa	N	S	S	N	S	S	N	S	N	N	S	N
Tratar da rotina	S	N	S	S	N	N	N	S	S	S	S	S

de o deitar												
Contar\ler histórias	0	S	S	S	S	N	S	S	S	S	S	S
Estar presente na hora do deitar	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Deixar adormecer o\o a filho\o a	S	N	S	S	N	N	S	S	S	S	S	S
Dar o beijo de boa noite	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Manifestar afeto abertamente	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Disponibilidade física e emocional.	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Amparar\ dar apoio	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Ser um exemplo	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S

Quadro 4 – Quadro de tarefas domésticas.

	Duarte, Serralheiro	Miguel, Inspetor de cargas	Gustavo, Técnico de Qualidade	Diogo, chefe de departamento de Logística	Tiago, Técnico de águas	Hélder, Designer	Guilherme, Professor de Licenciatura	Afonso, Operador de máquinas	Vitor, Comerciante	António, Marketing	Rodrigo, Vendedor de produtos alimentares	Joaquim, Técnico tributário
Tarefas Domésticas	SIM\NÃO											
Acordar os filhos	N	N	S	S	N	S	S	S	S	S	S	S
Dar Banho aos filhos	S	S	S	S	N	N	S	S	S	S	S	N
Ajudar os filhos a fazer a higiene	S	S	S	S	N	S	S	S	S	S	S	N
Mudar a fralda	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Ajudar os filhos a vestir	S	S	S	S	N	S	N	S	S	S	S	S
Preparar as refeições	S	N	S	S	S	S	S	S	S	S	S	N
Lavar a casa de banho	N	N	N	N	N	S	N	N	N	N	S	N
Trocar toalhas e lençóis	N	N	N	N	N	S	N	N	N	S	S	N

Levar o lixo	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Preparar a roupa para passar a ferro	N	N	N	N	N	N	N	N	N	S	S	N
Passar a ferro	N	N	N	N	N	N	N	N	N	N	S	N
Arrumar a roupa depois de passada a ferro	N	N	N	N	N	S	N	N	N	S	S	N
Arrumar os roupeiros da roupa	N	N	N	N	N	S	N	N	N	S	S	N
Limpar e polir todos os móveis e utensílios	N	N	N	S	N	S	N	N	N	N	S	N
Limpar todos os tapetes e passadeiras	N	S	N	S	S	N	N	N	N	N	S	N
Limpar os vidros	N	S	N	N	N	N	N	N	N	N	S	N
Limpar o pó	S	N	N	S	N	S	N	N	N	N	S	N
Aspirar a casa	S	S	N	S	N	S	S	N	N	N	S	N
Arrumar a cozinha	S	N	S	N	S	S	S	S	S	S	S	S
Lavar a loiça e utensílios da cozinha	N	N	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Limpar o fogão	N	S	S	N	N	S	S	S	S	N	S	N
Arrumar os quartos	N	N	S	S	N	S	N	N	N	S	S	N
Lavar o chão	N	N	N	N	N	S	S	N	N	S	S	N
Fazer a lista de compras	N	S	S	N	S	S	N	N	S	S	S	S

Ir às compras	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
Cozinhar	S	S	S	S	S	S	S	S	N	S	S	S
Planejar as refeições	S	S	S	N	S	S	S	S	S	S	S	S
Arquivar contas e papéis do mês	N	N	S	S	S	N	S	S	S	S	S	S

ANEXO DE FIGURAS

Figura 1 – Percepção dos entrevistados nos cuidados com os filhos.



Figura 2 – Participação dos entrevistados nas tarefas domésticas.



